

INFORCAMPO



Informativo da Educação do Campo

8ª EDIÇÃO



8ª Edição – 2022

EXPEDIENTE:

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, CAMPUS DE TERESINA.

Endereço: Universidade Federal do Piauí – Centro de Ciências da Educação – CCE.

Bairro: Ininga – Teresina – Piauí. Cep: 64049-550.

ISSN: 2675-5890

Equipe Responsável: Profa. Dra. Raimunda Alves Melo, Profa. Dra. Keylla Rejane Almeida Melo,
Prof. Dr. Jean Carlos Antunes Catapreta.

A Educação do Campo é fenômeno educativo que se revela abarcando vidas humanas numa diversidade de lugares: na escola de educação básica, na universidade, nas comunidades, nas políticas públicas, nas artes. Da década de 1990 até os dias atuais, em meio às muitas conquistas que o movimento Por uma Educação do Campo alcançou, esse paradigma contra hegemônico foi ganhando visibilidade, embora muita luta ainda tenha que ser travada para o seu efetivo enraizamento nos territórios que tem ocupado, bem como em outros territórios.

Nos últimos quatro anos, é inegável que houve um certo arrefecimento da luta, das conquistas que vinham se acumulando, das articulações políticas para legitimar a Educação do Campo no bojo da Política Nacional de Educação. Esse arrefecimento se deve a diversos fatores, como a desmobilização dos movimentos sociais provocada pela pandemia da covid19, que impôs o isolamento das pessoas em favor da vida, dispersando os encontros presenciais; o desmonte de órgãos governamentais e de políticas públicas pelo governo atual, cujas pautas não incluem as minorias, os mais vulneráveis. E, inclusive, não tem como prioridade a garantia de direitos que são, na verdade, condições humanas, como educação, saúde, trabalho.

Todavia, não podemos deixar de dar destaque ao trabalho teórico-prático de muitos educadores, educadoras, estudantes, que, driblando essas adversidades que se colocam na contemporaneidade, persistem em não silenciar, resistem em continuar produzindo saberes e fazeres que contribuem para mostrar a viabilidade de uma educação transformadora, que, por mais que evidencie o importante papel que tem a escola nesse processo, não a coloca como único espaço de formação. Ao contrário, a vida em comunidade, os movimentos sociais, os processos produtivos, também educam e transformam, em alguma medida, a realidade, pois neles, há pessoas que se relacionam, pensam, discutem, deliberam, agem.

Portanto, na perspectiva de dar notoriedade a importantes produções no âmbito da Educação do Campo, mais especificamente do curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, esta 8ª edição do Inforcampo volta-se para localizar a Educação do Campo nos diversos espaços sociais, seja na vertente das iniciativas práticas seja nas reflexões que subsidiam essa prática, que animam e encorajam para a luta.

Uma luta necessária nesse processo de retomada pós-pandemia, que coloca para nós, estudantes e docentes, escolas e comunidades, e para a própria Universidade, diversos desafios no sentido de pressionar os governos a adotarem medidas que assegurem o acesso, a permanência e o sucesso de todos e todas nos estudos, tanto na educação básica quanto no ensino superior.

Por isso, este Inforcampo tem o intuito de fazer esse chamamento para se questionar a realidade, a partir das contradições que se apresentam, como: pensar a Educação do Campo no contraponto das reformas educacionais que estão em curso no país e que têm impactos diretos nos nossos microcontextos; situar os sujeitos do campo como produtores de conhecimentos no meio acadêmico, superando-se a visão estereotipada que se construiu desses povos ao longo da história; revelar as diversas histórias de vida, de comunidade, de educação que nos ajudam a compreender o campo na sua historicidade, na sua relação com a cidade, e na articulação entre o local e o global.

Dessa forma, nesta edição, além de textos de opinião sobre diversos assuntos relacionados às questões supracitadas, estão reunidas notícias sobre diversas iniciativas criadas e implementadas no sentido de consolidar a Educação do Campo no meio acadêmico e comunitário. Também presenteados os leitores com a linguagem artística, através da produção de poesias e de desenhos de discentes e docente da LEdoC, que oportunizam um momento de deleite, mas, sobretudo, de reflexão e crítica.

Como projeto educativo contra hegemônico, a Educação do Campo no contexto da Universidade tem se traduzido pela articulação cotidiana de ensino, pesquisa e extensão, como mostram diversos textos que compõem este Informativo, pois o ensino acadêmico amalgama-se com o trabalho comunitário, num processo de articulação entre conhecimentos científicos e saberes da cultura camponesa.

Assim, é com grande alegria que entregamos esta edição aos leitores e às leitoras do Inforcampo, desejando que aproveitem cada uma das seções, preparadas com muito carinho e responsabilidade!

Os editores



ESTUDANTES DA LEDOC PARTICIPARÃO DAS AÇÕES DO PIBID-2022



Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da Universidade Federal do Piauí, por meio da Coordenação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), realizou processo seletivo para ingresso de discentes bolsistas e voluntários no PIBID-UFPI-2022. O curso de Licenciatura em Educação do Campo/Teresina foi contemplado com 18 vagas, sendo 03 para voluntários. As ações do Pibid na LEdoC serão coordenadas pelo Professor. Dr. Ariosto Moura.

LEDOC FOI CONTEMPLADA COM 18 BOLSAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A Pró-Reitoria de Ensino de Graduação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), por meio da Coordenação do Programa Institucional de Residência Pedagógica (PRP), realizou processo seletivo para discentes bolsistas e voluntários, para integrarem o PRP-UFPI-2022. O curso de Licenciatura em Educação do Campo/Teresina foi contemplado com 18 vagas, sendo 03 para voluntários. As ações do PRP na LEdoC serão coordenadas pelo Professor. Dr. Cleiton Rocha.



ESTUDANTES DA LEDOC FORAM CONTEMPLADAS COM BOLSA DA FAPEPI



As estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Elaine de Oliveira Andrade, Franciane Rodrigues Viana e Natália Pereira dos Santos foram selecionadas como bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Fapepi (PBIC). Elas desenvolverão as atividades de pesquisa em âmbito do Projeto de Extensão Mediação para a Transformação, coordenado pela Professora Dra. Raimundinha Melo.

UFPI REALIZA SELEÇÃO DE DISCENTES PARA A LEDOC

Por meio do Edital nº 18/2022-LEDOC/UFPI, foram ofertadas 240 vagas para ingressantes nos quatro cursos LEdoC da UFPI, que funcionam nos *campi* de Teresina, Bom Jesus, Picos e Floriano. Os discentes selecionados terão aulas a partir do primeiro semestre de 2023. O Curso de Licenciatura em Educação do Campo tem como objetivo formar professores e gestores escolares para atuação na



escola de educação básica do campo, anos finais do ensino fundamental e ensino médio, constituindo uma excelente estratégia cujo potencial pode contribuir para a redução das enormes desigualdades educacionais existentes em áreas rurais do Piauí.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM FASE DE CONCLUSÃO

Estudantes da Especialização em Educação do Campo encontram-se em fase de conclusão do curso, que é a produção do Trabalho de Conclusão de Curso no formato de um artigo científico. Segundo a Professora Dra. Raimundinha Melo, as defesas dos TCCs acontecerão no mês de março de 2023, de forma presencial. O processo de seleção para uma nova turma acontecerá em maio de 2023.



PROGRAMA ESCOLA TERRA OPORTUNIZA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA DOCENTES DE ESCOLAS DO CAMPO



Após a formação em nível de aperfeiçoamento de 295 professores de classes multisseriadas de 15 municípios dos Territórios Entre Rios e Cocais, o Programa Escola da Terra selecionou 50 desses professores para prosseguirem os estudos em nível de especialização, num processo continuado de profissionalização docente, oportunizando o aprofundamento de estudos e consequente melhoria das práticas docentes em escolas do/no campo, mais especificamente em classes multisseriadas.

O Programa Escola da Terra é financiado pelo Ministério da Educação e, na UFPI, é coordenado pela Profa. Dra. Keylla Melo.

PROJETO MEDIAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO INICIARÁ SUA ÚLTIMA ETAPA DE FORMAÇÃO

O Projeto Mediação para Transformação orienta políticas e práticas educativas nas escolas do campo dos municípios de Piriipiri, Miguel Alves, Novo Santo Antônio e São Miguel do Tapuio. As ações de formação continuada contemplam dirigentes municipais de educação, presidentes de conselhos de educação, coordenadores institucionais de políticas de educação do campo, gestores escolares, coordenadores pedagógicos e professores de ciências. As atividades formativas para professores de Ciências iniciarão em novembro de 2022.



ESTUDANTES DA LEDOC/TERESINA PARTICIPAM DE PROJETO DE PESQUISA SOBRE PLANTAS NATIVAS DO PIAUÍ



A estudante Janáí Nascimento de Sousa do curso de Licenciatura em Educação do Campo, sob orientação da Profa. Dra. Jaislanny Medeiros, participa do projeto de pesquisa “Percepção sobre flora nativa dos alunos do ensino fundamental, médio e superior do meio norte do Brasil” vinculado ao Programa de Iniciação Científica Voluntária (ICV) da UFPI. As alunas Maria Leidiane Gomes da Silva e Idenes Maria da Silva também já participaram do projeto em anos anteriores.

PROJETO FAMÍLIA CAMPONESA IMPLANTA UNIDADE DE PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA

O Projeto de Extensão “*Família Camponesa: traçando um sonho de liberdade sustentável*” finalizou suas atividades com a implantação de uma Unidade de Produção Agroecológica (UPA) na comunidade Carpina I, município de Batalha/PI. O trabalho desenvolvido atuou em três vieses: ambiental, econômico e de emancipação sociopolítica, com o objetivo de promover processos formativos e produtivos que contribuam para a reflexão de famílias camponesas sobre a sua função social em preservar os recursos ambientais, incentivando-as a produzirem alimentos sustentáveis de base agroecológica. O projeto foi idealizado e executado pelo egresso da LEdoC/Teresina Raimundo Nonato de Sousa Silva, que também é discente do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente da UFPI, e coordenado pelas Profas. Dras. Keylla Melo e Juciane Rego.



GRUPO DE TEATRO DA LEDOC REALIZA CURSO DE INICIAÇÃO TEATRAL



O Grupo de Teatro da LEdoC está cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPI, sob coordenação da Profa. Dra. Keylla Melo e do Prof. Ms. Luiz Bonfim, sendo o idealizador e principal executor o Professor e Teatrólogo Roberth de Souza, egresso do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e professor da Escola Técnica Estadual de Teatro Prof. José Gomes Campos. O Grupo, composto de 11 alunos e 2 docentes da LEdoC, utiliza-se do Teatro Político-Social, de Augusto Boal, com textos de Bertold Brecht. Visando inserir os membros na linguagem teatral, está sendo promovido, no período de 03/11/2022 a 07/12/2022, a primeira etapa do Curso de Iniciação Teatral, de forma virtual, através de bate-papos: 1) Reflexões sobre teatro; 2) Vivências no teatro; 3) Brecht; 4) O teatro no campo; 5) Momentos Brecht. Os bate-

papos serão mediados por artistas do teatro no Piauí, incluindo egressos da LEdoC.

LEDOQUIANA PROMOVE FESTIVIDADE NA COMUNIDADE SOINHO

A estudante Francisca Fátima Guimarães Rocha promoveu, no dia 25 de novembro de 2022, data em que se comemora o aniversário da Escola Família Agrícola (EFA) do Soinho, um momento festivo na referida escola, em parceria com a comunidade escolar. Foi realizada gincana com jogos, brincadeiras; atividades psicossociais; procedimentos estéticos, como corte de cabelo, esmalteria, maquiagem; sorteios de brindes para as famílias e entrega de brinquedos para as crianças; lanche; almoço; atendimento jurídico; palestras sobre o combate à violência doméstica e sobre o câncer de mama, com o depoimento de quem já passou pela experiência de ter um caso na família; e visita ao espaço de incentivo à leitura na área das Ciências Naturais, acoplada à biblioteca da escola. Fátima ressalta: “A experiência de partilhar um dia em uma escola do campo, vivenciando a cultura, costumes e culinária locais teve um peso grande no resultado final do Tempo Comunidade”.



ACONTECE (AINDA) NA LEDOC

Iael de Souza¹



O que acontece de modo recorrente em todo o período letivo, de Tempo Universidade, da Ledoc? Reuniões com pró-reitorias, diretores, reitores, coordenadores para tentar garantir hospedagem para os estudantes.

Desde que fui aprovada no processo de remoção do campus de Picos para o de Teresina e passei a fazer parte do curso de Licenciatura em Educação do Campo, há cinco anos, esse já era o grande calcanhar de Aquiles do curso. Pós pandemia da Covid-19, com a retomada presencial, o problema parece ter sido amenizado com a parceria *informal* obtida com o Colégio Agrícola da Universidade Federal do Piauí (UFPI), a melhor acomodação conseguida no decorrer do tempo de existência do curso em termos de infraestrutura.

Ainda assim, não é a solução. Esta apenas se daria, de forma definitiva, se a Licenciatura em Educação do Campo tivesse seu próprio espaço de hospedagem, garantindo, dentre outros fatores, um Tempo Universidade menos corrido, apertado e intenso do que já é por ter de ser adaptado ao

¹ Professora adjunta da Universidade Federal do Piauí, Teresina. Lotada no curso de Licenciatura em Educação do Campo (CCE/UFPI/Teresina). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Trabalho, Saúde e Subjetividade (NETSS), Unicamp/SP, Faculdade de Educação. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Emancipação Humana (NESPEN), UFPI/Teresina. E-mail: iaeldeo@gmail.com

calendário do Colégio Agrícola da UFPI.

Há algo muito importante que deve ser *sempre lembrado*. Este curso deve sua existência às lutas empreendidas pelos povos do campo, florestas e das águas e, principalmente, ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como atesta a história. Foram as perseguições, assassinatos, torturas e muita resistência e luta pela terra, e por condições para nela permanecer e poder existir, que resultaram na conquista por Políticas “Públicas” de Educação *do/no* campo. Isso significa que todos os cursos ligados à Educação do Campo nascem da luta e da resistência e é também exclusivamente através delas que poderá se manter.

A explicação para isto é que aqueles que são chamados de “minorias”, na verdade, correspondem à grande maioria da população, encontrada tanto do campo quanto na cidade: os trabalhadores e trabalhadoras de variadas cores, sexo, sexualidade da classe trabalhadora e os segmentos populares dessa classe.

Para nós, classe trabalhadora, *nada é dado* e as conquistas e ditas “concessões” são *arrancadas* por meio de muita luta e *perseverança na luta*, que se faz permanente pela estrutura social capitalista que garante a reprodução das desigualdades sociais.

Por isso, na sua concepção, a Educação do Campo nasce com o objetivo de formar, acima de tudo, *lutadores e lutadoras sociais* (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2011; KOLLING; CERIOLI; CALDART, 2002). Infelizmente, a partir do momento que se torna política “pública” de educação, institucionalizada em universidades e demais instituições educacionais perpassadas pelo controle do Estado, é esvaziada em sua *radicalidade e proposta original*, como demonstra Caldart (2009).

Talvez seja por isso que a Licenciatura em Educação do Campo de Teresina continue padecendo de problemas estruturais: falta, justamente, os *lutadores e lutadoras sociais* conscientes de que a luta das “minorias”, que são as verdadeiras maiorias, é uma *luta em permanência, incessante* e que jamais podemos nos *acomodar e entregar ao cansaço*, muito menos *acovardar por medo* das consequências e perseguições provenientes daqueles que detêm o poder. Afinal, trata-se de uma *luta de classes*, onde *poder e força são medidos* a todo instante, *em cada situação* e, por isso, precisamos *estar permanentemente mobilizados*, não se pode deixar para agir somente nos casos e momentos extremos.

Infeliz e lamentavelmente, porém, estamos num momento histórico de desvantagem para a classe trabalhadora e para a juventude da última geração. A política-econômica neoliberal do capital conseguiu dismantlar a organização e mobilização da classe trabalhadora, contribuiu para o refluxo da consciência e solidariedade de classe, despolitizou a política e instituiu a política do medo, do pânico moral e dos Estados de exceção (PIRES, 2021). É preciso resgatar, reconstruir, reassumir e atualizar a luta política-social, a consciência e identidade de classe da classe trabalhadora para fazer frente aos constantes ataques destrutivos do sistema capital, construindo um modo de vida alternativo ao capitalismo, cuja supremacia é do valor de troca e do mercado.

A aceleração da degradação das condições de vida e trabalho da classe trabalhadora no Brasil deu-se com o golpe político-midiático-jurídico-parlamentar de 2016. A extrema-direita já havia tomado a cena política com as jornadas de 2013, alimentada por três décadas de trabalho ideocultural insuflador de ressentimentos, medos, ódio, inseguranças e incertezas no campo político, econômico, social e cultural das relações sociais entre os segmentos das classes trabalhadoras e capitalistas. O fascismo inerente ao capitalismo encontrou, assim, a recolocação das condições para, novamente, transbordar dos esgotos subterrâneos e inundar toda a superfície da vida social. As situações mais

bizarras e absurdas passaram a abundar nos noticiários do país: racismos, homofobias, xenofobias, misoginia e tudo aquilo que se considerava impensável.

De 2016 a 2022 regredimos séculos no campo dos direitos do trabalho, na educação, na saúde; a carestia e a inflação novamente fazem parte da vida de milhões de brasileiros(as), a fome volta a dizimar as camadas populares, a pobreza e a miséria atingem índices estatísticos estarrecedores. Degradação, destruição, precarização, morte são os motes.

Mais do que nunca, é preciso continuar lutando. Lutar, lutar, lutar e lutar sem trégua! Não podemos deixar que a *memória coletiva* das lutas da classe trabalhadora do campo e da cidade ao redor do mundo se apague ou se perca, porque são o *combustível para repor nossas energias* e para *nos ajudar a recompor* perante as batalhas travadas e ainda a travar.

A Licenciatura em Educação do Campo de Teresina precisa se lembrar, e ser lembrada, sempre, para que não se esqueça jamais, *a que e a quem* deve sua existência e, para além, justamente por ser o que é e vir de onde veio, tem o *dever permanente de continuar lutando para poder continuar existindo*, porque, **sem luta, a tendência é perecer**. É preciso colocar na ordem do dia, como objetivo geral e principal do projeto político-pedagógico do curso, a *formação de lutadores e lutadoras sociais*. Só assim honraremos os que tombaram na luta e os que continuam lutando!

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.) *Por uma Educação do Campo*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo – notas para uma análise de percurso. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 35-64, mar./jun. 2009.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.) *Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas*. Brasília, DF: articulação nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. (Coleção Por Uma Educação do Campo, nº 4)

PIRES, Luis Manoel Fonseca. *Estados de exceção – a usurpação da soberania popular*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

SOUZA, Iael de. Catarse- Eleições 2022: Frente Única e Polarizações. *LavraPalavra*, 11 de novembro de 2021. Disponível em: <https://lavrpalavra.com/2021/11/11/catarse-eleicoes-2022-frente-unica-e-polarizacoes/>

SOUZA, Iael de. Política e a tática afetiva do medo. *Instituto Humanitas Unisinos (IHU)*, 28 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613204-politica-e-a-tatica-afetiva-do-medo>

A MÃO QUE BROTA PARA O BEM

João Vitor Andrade

Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Mote: Acredito na educação
Com seu poder transformador.

Mesmo que eu seja um menino
Gentil, travesso e danado
Comigo tenho levado
Pra esse meu mundo traquino
Talvez de Deus esse destino
Ou graça de um sofredor,
Na singela arte do amor
Educando em profissão,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.

É mão amiga todo saber,
Que no seio do querer brota
A cidadania tricota
Cada dia no alvorecer,
Dadivando quem merecer
Dando luz e asa ao sonhador
E tirando qualquer dor
De viver na escuridão,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.

Ser e ensinar muda o mundo
Aprender também faz parte,
Todo conhecimento é arte
É grão promissor e fecundo
Aquele que norteia profundo
Cada qual com sua cor
Seu mérito e dessabor
Tudo agente da construção,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.

Todo dia é um recomeço
Dia de fazer diferente
Ver todo tipo de gente
Aprendendo ter apreço,

Tirar a vida do avesso
Dando carinho e não dor
Valorizando o professor
Protagonista da ação,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.

Disse um dia um homem sabido
Sério, estudado e profundo,
Que educar não muda o mundo
Mas lhe dar algum sentido
É semente num chão comprido
É planta de fruta e sabor
Se propaga pelo amor
Me dando gosto e atenção,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.

Nosso palanque é a escola
Os estudantes, os artistas
E o professor protagonista
Que nos inspira e decola,
Do conhecimento é a mola
As asas do voador
Obra-prima do criador
Pra mudar esse mundão,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.
Nem a viola do violeiro
Ou as rimas de um cordel,
Nem um pedaço de papel
Representa por inteiro
O destino verdadeiro
E a força do educador
Queria ser cantador
E mostrar minha admiração,
Acredito na educação
Com seu poder transformador.

Que o saber seja bonito
Igual a flor da jetirana,
Doce como o caldo de cana
E consolo do aflito
Por Deus pai seja bendito
Como sinônimo de amor
Que no carinho e na dor
Ensine com precisão,
Acredito na educação
Com seu poder transformador



João Vitor

CAMINHADA COLETIVA

Antonia Regina da Silva Sousa

Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Das minhas vivências no campo, na labuta
diária de um povo trabalhador,
Um olhar de encanto, versos simples escritos,
inspirados em um coletivo sonhador.

Há quem diga que a caminhada se torna mais
leve
Quando se caminha em conjunto,
O coletivo sempre foi importante
Para as conquistas do sonhar junto,
Na luta tenho como sinônimo o meu povo, a
minha estadia
Que lhes apresento de forma breve e resumida
Tendo como mote a minha poesia.

Vivo em comunidade conquistada
através de lutas coletivas,
Pelo direito à terra, pela roça e à comida,
Na luta para melhorar a vida
Sonhos de viver com dignidade
É por isso que saúdo a todos com felicidade.
Movimento que brotou da coragem
E da nossa organização
Cujo fruto é a Chapada da Sindá,

Minha terra, te recito com emoção.

Foi por causa da nossa gente,
Que hoje temos campo
para plantar,
Foi por causa da nossa luta
Que hoje temos casa pra morar.
Coco babaçu pra colher e escola pra criança
estudar

É a força da união, é voz da pluralidade.
É a garra do movimento social na luta por
igualdade.
É a semente que brota da junção de forças
Somadas a sonhos coletivos
É retrato de um sonho concretizado
É o alcance de objetivos.



Chapada da Sindá

AGRICULTOR

Raimunda Alves Melo

Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

O trabalho do agricultor
É extremamente importante
Trata-se de um trabalho duro
E por isso muito estressante.

É feito de sol a sol
Está sempre firme e atento
Não importa as intempéries
E nem as mudanças do tempo.

É muito cuidadoso
Com os detalhes da germinação
Ele lida com a terra
Com amor e dedicação.

Leva uma vida sacrificada
Sem assistência necessária
Homem de sutileza física
Que precisa de reforma agrária.

Precisa de um pedaço de terra
Para realizar sua missão
Através de seu trabalho
Alimentar a população
Sustentar sua família
Sem sofrer humilhação.

Voltado para os problemas da vida
Desta terra tão garrida
Trabalhador de existência árdua
E de aparência sofrida.

É símbolo do trabalho duro
É vítima da exploração
Agricultor que vem sofrendo
Desde a colonização.

O sol te guia o dia
A lua te ilumina a noite

A terra te serve de pão
E a seca de açoitete.

O suor que te escorre do corpo
É água para molhar
Esta terra que de tão seca
Quase nada faz brotar
Pois a chuva já não cai
Para tua sede matar.

Lavrador de olhar profundo
Que planta sua própria fé
Às vezes vai para roça
Mesmo sem tomar café
Na esperança de colher
O que brota de cada pé.

É vítima de rigorosos verões
Secas periódicas, de inundações
Tu rendes para a indústria da seca
Voto nas eleições.



**Profa. Raimundinha Melo e
seu pai, Gonzaga Miquel**

A seca é teu problema mais antigo
Agricultor nordestino
A seca é o teu flagelo
E segue o teu destino.

A pouca chuva, o corpo te lava
O vento quente, esquentando a mente

O verde do campo, alivia a alma
A colheita farta, acalma.
És importante por inteiro
Vida de purificação
Serás recompensado por Deus
Pois brota frutos de tuas mãos.

AOS PROFESSORES DAS ESCOLAS DO CAMPO

Francisco José de Macêdo
Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Obrigado, professor
Pela sua sinceridade
Sem você não existiria
Amor e nem dignidade.
Professor!! É só você
Que tem consigo o poder
De salvar a humanidade.

Graças à sua existência
E à sua brava missão
A vida ganha sentido
Também emancipação
Professor!! Você pode crer
Se não existisse você,
Não existiria nação.

Você é a chave do sucesso
O tutor da nação humana
É quem forma o indivíduo
Pra vida ser mais bacana
Oh, Professor! Vou te dizer
Em tudo se deve a você,
Pela sua ação soberana.

Que é de compartilhar,
Amor e ensinamento
O fruto, colhe depois
Ao ver o desenvolvimento
Nisso você tem prazer
Porque, professor, só você

Oferece o conhecimento.

Como descobrir as coisas
Dando-nos a direção
Para que serve os neurônios
A tal da ressignificação
Se existe e para quê
Só o professor faz saber,
Com a sua rica explicação.

Tendo com ele cautela
E paciência pra ensinar
Tem ele um lance de craque
Pra o mundo revolucionar
Ensinando ele faz aprender
O aluno ler e escrever,
Para as coisas conceituar.

Por isso existem os conceitos
Bem como música para cantar
Por que sem o professor,
Como poderiam gravar?
O professor é um ser
Que atua pra valer,
Até na arte de rimar.

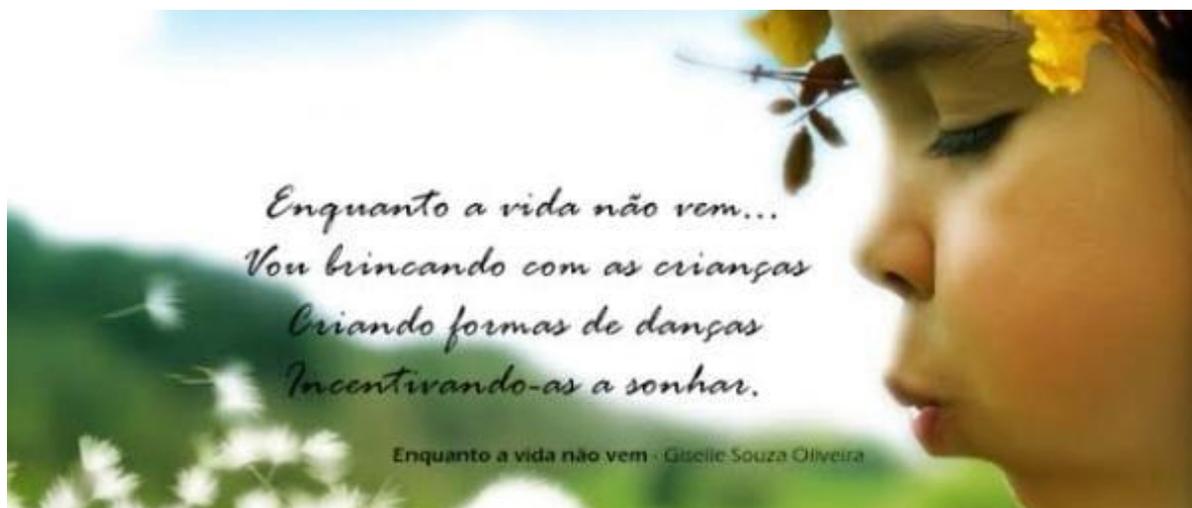
Integra a sociedade
Como exemplo e cidadania
Orientando o seu povo
Ensina com maestria

Fazendo acontecer
Pra moral prevalecer
Em prol da democracia.

A sua metodologia
É recheada de amor
E esse modelo didático
Lhe faz grande educador
Por isso te enaltecer
É uma forma de reconhecer
A sua importância, professor.



Francisco José



EDUCAÇÃO DO CAMPO X EDUCAÇÃO RURAL

*Elaine de Oliveira Andrade**Antonia Regina da Silva Sousa**Graduandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI*

Educação do Campo e Educação do Rural significam a mesma coisa? Tendo como referência os estudos realizados por Melo (2015) afirmamos que não. A Educação Rural é uma proposta que se orienta por uma lógica desinteressada da vida do campo. A Educação do Campo caracteriza-se por uma proposta que concebe o campo como um espaço rico e diverso e, ao mesmo tempo, produtor de cultura.

Feitas essas considerações iniciais, afirmamos que o desenvolvimento da Educação do Campo implica em assegurar uma política pública específica que vá além da responsabilidade de implantar escolas em comunidades camponesas, pois, muitas vezes, escolas situadas em áreas rurais não atendem as especificidades dos povos do campo, ofertando para as crianças e adolescentes a mesma educação oferecida para as populações dos centros urbanos, distanciando-os das suas realidades e culturas.

Ao contrário disso, Ribeiro (2012, p. 295) salienta

que “os filhos dos camponeses experimentam uma necessidade maior de aproximação entre o trabalho e o estudo, visto que a maior parte deles ingressa cedo nas lidas da roça para ajudar a família”. Se a educação ofertada nessas escolas não é uma educação contextualizada com o modo de vida e, principalmente, com a produção agrícola da população camponesa, conseqüentemente, isso pode prejudicar diretamente as novas gerações do campo. Jovens que não se identificam com suas raízes é o principal resultado disso.

A perda da identidade camponesa relacionada à educação rural acontece, dentre outras coisas, porque, como ressalta Ribeiro (2012, p. 298) há “uma concepção preconceituosa a respeito do camponês, que não considera os saberes decorrentes do trabalho dos agricultores”. Este também é o entendimento de Leite (2002, p. 14), segundo o qual: “A educação rural no Brasil sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: ‘gente da roça não carece de estudos’. Isso é coisa de gente da cidade”.

Entretanto, em confronto com a educação rural, que não leva em consideração os aspectos relevantes para a construção do conhecimento camponês, temos uma educação que fortalece os vínculos com o trabalho e estudo, a Educação do Campo, esta sim considera a importância do modo de vida, da pluralidade e singularidade da identidade cultural desse povo que vive no campo. É a partir da educação do campo, oriunda da luta dos movimentos sociais, que o camponês pode



Seminário sobre Educação do Campo em Miguel Alves

enfrentar os paradigmas de uma sociedade pautada na exploração e dominação dos menos favorecidos, pois os referenciais da Educação do Campo

Defendem que a educação esteja comprometida com a emancipação, que fortaleça a cultura e os valores das comunidades camponesas e que esteja vinculada ao projeto de desenvolvimento auto-sustentável. Propõem ainda um outro olhar sobre o papel do campo na economia e na sociabilidade, concebendo a terra como instrumento de democratização da sociedade brasileira. Defendem que os sujeitos do campo sejam reconhecidos como sujeitos de história e de direitos e que necessitam ter suas especificidades respeitadas e tratadas numa perspectiva de inclusão e alteridade. (CORREIA et al, 2011, p. 8).

Oferecer qualidade de ensino em todo esse contexto abre portas para diversas vertentes interligadas diretamente à educação, possibilitando a formação de cidadãos conscientes de suas origens, da importância do ambiente em que vive e das formas de trabalho. À vista dessa perspectiva, temos sujeitos com consciência crítica, econômica, cultural, ambiental e social, que poderão se tornar agentes transformadores de sua realidade.

Diante disso, o processo de construção da Educação do Campo, que foi longo, se torna constante, atemporal, apesar de muitos passos já dados rumo a uma educação fundamental para os povos camponeses, ainda tem um grande caminho a ser trilhado para atender todos os aspectos relevantes de uma educação inclusiva e transformadora.

Referências

CORREIA, D. M. N.; BATISTA, M. S. X.; BRITO, R. M. J. Educação do Campo: resistência e afirmação da identidade camponesa. In: 20º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste: Educação, Culturas e Diversidades, 2011, Manaus. *Anais...* Manaus: Valer, 2011.

MELO, R. A. *Escola do Campo: saberes da cultura camponesa e conhecimento escolares em articulação*. Teresina: EDUFPI, 2015.

RIBEIRO, M. Educação Rural. In. CALDART, R. S. et al (Orgs.). *Dicionário da Educação do Campo*. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão popular, 2012. p. 295-300.

EDUCAÇÃO POPULAR E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

João Victor Antunes dos Santos

Joelson Costa Pereira

Keully Cristine Carvalho de Sousa

Graduandos(a) do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Em primeiro lugar, enfatizamos a importância dos estudos sobre Educação Popular para os professores da Educação do Campo, uma vez que os conhecimentos produzidos e socializados nesta área nos ajudam a conhecer melhor as relações da educação com o mundo e com o contexto social e cultural onde os sujeitos concretamente existem.

Brandão (2006) afirma que não existe apenas um modelo de educação. A escola não é o

único lugar onde ela acontece; o ensino escolar não é uma prática educativa singular e o professor não é a única pessoa que educa. A educação existe em mundos diversos e diferentes, desde pequenas sociedades tribais, agricultores ou pastores nômades; em sociedades camponesas, em países desenvolvidos e industrializados; em mundos sociais sem classes, de classes, com este ou aquele tipo de conflito entre as suas classes; em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com um Estado em formação ou com ele consolidado entre e sobre as pessoas.

A Educação Popular é definida como uma filosofia da educação, uma pedagogia, uma práxis e também um campo de saberes e práticas. Ela já passou por vários momentos educativos e organizativos na defesa dos direitos humanos aniquilados pelas ditaduras militares. A Educação Popular se articula com diversos seguimentos da população, com entidades e movimentos sociais e populares, com um compromisso de lutar pela mudança da realidade social.

Após a Segunda Guerra Mundial, os governos passaram a desenvolver ações educativas para que as pessoas pudessem ser, ao menos, alfabetizadas. Ou seja, buscaram realizar a adequação dessas populações frente aos ideais do mundo moderno, pois suas práticas e modos de vida eram, erroneamente, considerados um atraso para o sistema econômico.

Diante disso, nos anos de 1950, ocorreu o início do contraponto à educação escolar do povo brasileiro e a emergência da Educação Popular, quando os educadores da época passaram a questionar o modelo de educação governamental que propunha a adaptação e ajustamento social das



Dança do Coco em Miguel Alves

camadas populares aos interesses das classes sociais mais favorecidas. Nesse contexto, surgiram críticas, como: educação para que? Para quem? Serve o teu conhecimento? Esses questionamentos ajudaram a pensar outra perspectiva de educação. Foi nesse cenário que teve início o movimento em defesa da educação libertadora, proposta por Paulo Freire, cujo pensamento fundamenta a Educação do Campo.

Atualmente, a Educação Popular é compreendida como o regime alicerçado na soberania popular, na justiça social e no respeito integral aos direitos humanos. O seu reconhecimento é urgente para a ampliação e a concretização dos direitos humanos

e precisa ganhar centralidade no campo das políticas educacionais, porque ela retoma a direção do desenvolvimento humano, respeitando e reconhecendo os grupos sociais que são excluídos (PINI, 2012).

Segundo Gerhardt e Frantz (2019), diante do atual cenário político e do conturbado contexto econômico, cultural e social no Brasil, surgem muitas incertezas acerca da democracia na sociedade brasileira. Entre essas incertezas, certamente está o modo de atuação dos movimentos sociais, em processos de democratização. Somente por meio da educação é possível criar estratégias de

conscientização e transformações sociais a favor dos setores populares. É nesses moldes que estão fundamentados os princípios da Educação do Campo.

A Educação Popular, assim como a Educação do Campo, defende que só existirá sociedade justa e democrática quando as classes oprimidas e discriminadas tomarem consciência de suas condições de vida e das raízes dos problemas que as afetam e lutarem pela transformação da realidade social.

Referências

PINI, F. R. de O. *Educação popular e os seus diferentes espaços: educação social de rua, prisional, campo*. Congresso Internacional de Pedagogia Social, julho de 2012.

BRANDÃO, C. R. *O que é Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

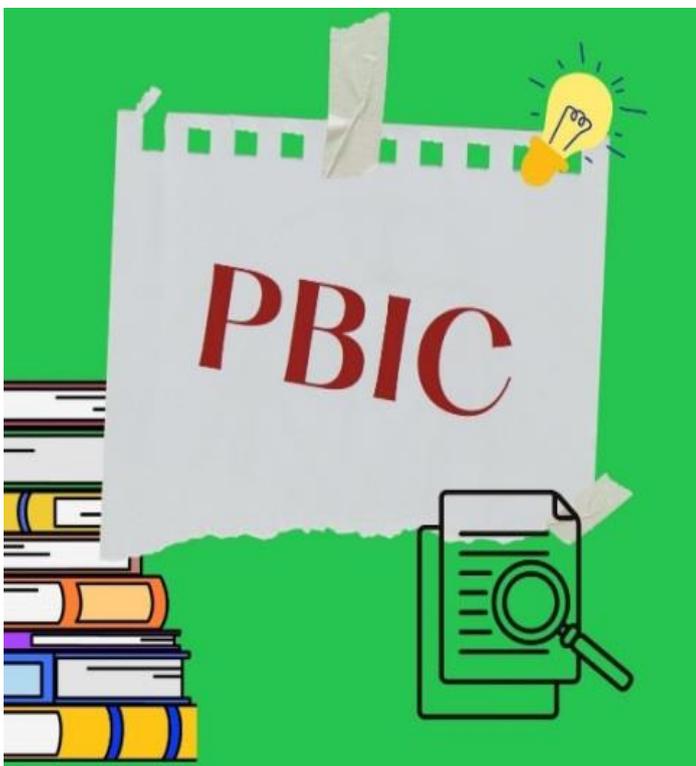
GERHARDT, M. C.; Frantz, W. Educação popular e movimentos sociais: possibilidades de relações democráticas. *Rev. Ed. Popular*, 2019, 18, 92-104.

PROGRAMA DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAPEPI-PBIC CONTEMPLA PROJETO DA LEDOC

Elaine de Oliveira Andrade

Franciane Rodrigues Viana

Graduandas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI



A Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Piauí (Fapepi) lançou, no dia 01 de julho de 2022, o edital n. 004/2022, com o intuito de selecionar projetos de pesquisa científica, tecnológica e inovação para a participação no Programa de Bolsa de Iniciação Científica da Fapepi (PBIC), que beneficia estudantes da graduação com bolsas na modalidade de Iniciação Científica (IC). No dia 05 de setembro 2022 foi divulgado o resultado final da seleção e, entre os selecionados, está o projeto de pesquisa Mediação para a Transformação, elaborado no âmbito do curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da natureza (LedoC/CN), campus Ministro Petrônio Portela, em Teresina, e desenvolvido pelos seguintes professores: Profa. Dra. Raimunda Alves

Melo, Profa. Dra. Keylla Rejane Almeida Melo, Profa. Dra. Sandra Regina de Sousa Cardoso e Prof. Dr. Jean Carlos Antunes Catapreta.

O PBIC oportuniza os graduandos iniciarem a participação em pesquisas científicas, despertando o interesse e vocação para continuarem atuando na área da pesquisa, ou seja, incentivando a formação de novos pesquisadores. O programa terá vigência de dois anos, período este que contribuirá para o melhor desenvolvimento da pesquisa.

O projeto de pesquisa “Mediação para a Transformação”, coordenado pela Profa. Dra. Raimunda Alves Melo, tem como objetivo fazer a análise da política de Educação do Campo, como também implementar práticas educativas com o intuito de superar os desafios da educação básica nos municípios de Juazeiro do Piauí, Piripiri, Miguel Alves e Novo Santo Antônio, municípios beneficiados pela pesquisa. Buscará, ainda, desenvolver a formação continuada de educadores para que estes possam conhecer as dificuldades das escolas no campo de modo a intervirem nessa realidade.

Para o desenvolvimento do projeto, o PBIC contemplou a pesquisa com três bolsas de iniciação científica. As estudantes Elaine de Oliveira Andrade, Franciane Rodrigues Viana e Natália Pereira dos Santo foram selecionadas através de um edital interno para os alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo de Teresina. O Edital foi lançado no dia 05 de outubro e o resultado final da seleção saiu oito dias depois, no dia 13 de outubro.

Este projeto de iniciação à pesquisa científica tem muita importância para as cidades contempladas, pois, com o processo de educação continuada oferecido, os professores poderão, a partir do que aprenderam, melhorar o desenvolvimento do ensino fornecido aos estudantes da educação básica de escola do campo. É de grande relevância para os docentes, assim como para os bolsistas participantes do trabalho, pois os mesmos poderão melhorar a construção de uma visão crítica sobre o cenário educacional, visto que terão acesso a grande acervo de estudo e leituras sobre o tema, bem como aprofundar as habilidades de pesquisa e produção de trabalhos acadêmicos.

ALGUMAS DE NOSSAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO



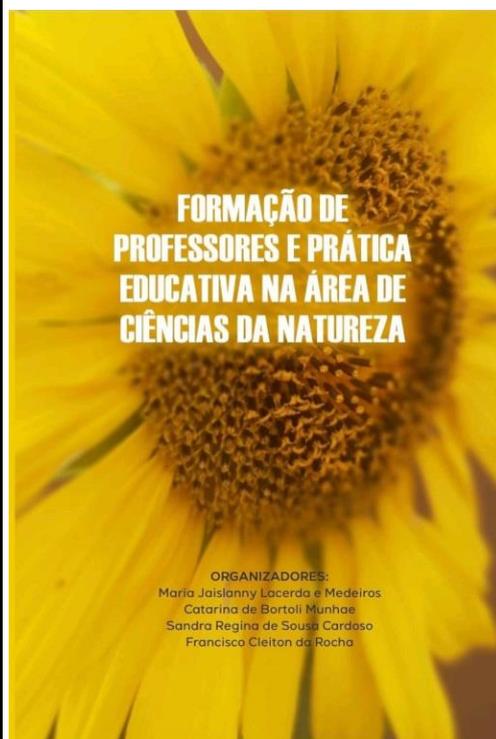
O livro “*Aprendizagem da docência no Pibid da Educação do Campo: retratos e desafios em contexto pandêmico*” apresenta resultados de pesquisas e experiências de ensino e aprendizagem da docência a partir das ações do Pibid no âmbito do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) - Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no contexto da pandemia. A obra é composta por onze capítulos, nos quais são estabelecidos elos que garantem uma relativa unidade. O seu objetivo é contribuir com as discussões sobre a formação de professores, evidenciando permanências e rupturas oriundas do confronto entre o que se estuda no curso e o que se realiza na prática, sobretudo no período da pandemia do novo coronavírus. A obra, organizada pelos pesquisadores: Profa. Dra. Raimunda Alves Melo, Prof. Dr. Francisco Renato Lima, Profa. Dra. Maria do Desterro Melo da Rocha Nogueira Barros e Prof. Mestre Ernandes Soares Araújo, contempla trabalhos produzidos pelos supervisores, bolsistas e voluntários do Pibid. A obra completa encontra-se disponível no seguinte link:

<https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/aprendizagem-da-docencia-no-pibid-da-educacao-do-campo-retratos-e-desafios-em-contexto-pandemico/>

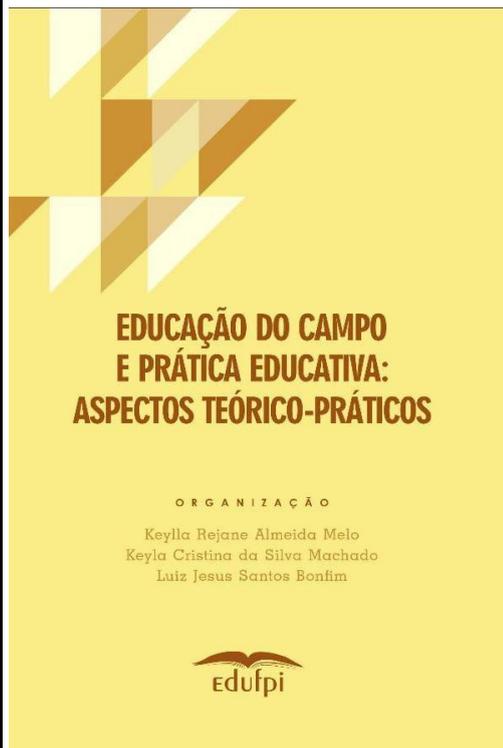


Este livro contempla discussões que foram realizadas no I Seminário Intermunicipal sobre Educação no e do Campo, desenvolvido no município de Miguel Alves no dia 26 de julho de 2022, por meio de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Miguel Alves, a Universidade Federal do Piauí (UFPI), através do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, e a Escola Família Agrícola de Miguel Alves. É esse conjunto de experiências e conhecimentos expostos em artigos e resumos expandidos que os organizadores, Raimunda Alves Melo, Keylla Rejane Almeida Melo e José Pereira Rodrigues da Silva, apresentam nesta obra, que se encontra dividida em duas partes. A primeira parte contempla seis artigos que tratam sobre políticas públicas, currículo e práticas educativas, cuja ênfase são os propósitos da Educação do Campo. A segunda parte do livro contempla doze resumos expandidos que discutem experiências de formação inicial de professores do campo e práticas educativas no ensino de Ciências da Natureza.

A obra completa encontra-se disponível no seguinte link: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi/48361-professoras-da-ufpi-publicam-livro-sobre-experiencias-na-area-da-educacao-do-campo>

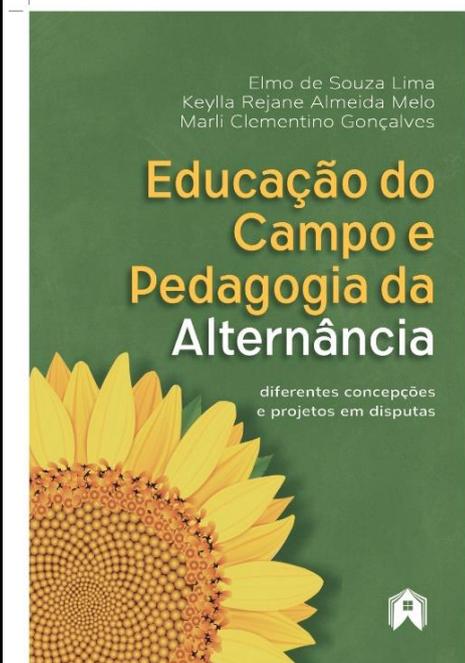


O livro “**Formação de professores e prática educativa na área de Ciências da Natureza**” é composto por quinze capítulos, embasados em estudos qualitativos e quali-quantitativos elaborados a partir de vivências e de estudos bibliográficos, documentais e empíricos vinculados a trabalhos de conclusão da Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza e representa uma significativa contribuição de seus autores com a inovação pedagógica na formação docente crítica e consequente socialização, bem como para a consolidação da pesquisa na área. A obra é relevante por ter sido produzido por discentes e docentes da LEdoC que têm envidado esforços e suplantado desafios no sentido de contribuir para o aumento qualitativo da produção na área, com reflexos em diferentes contextos da prática educativa. O livro, organizado pelos pesquisadores da LEdoC/Campus Teresina-PI: Profa. Dra. Maria Jaislanny Lacerda e Medeiros, Profa. Dra. Catarina de Bortoli Munhae, Profa. Dra. Sandra Regina de Sousa Cardoso e Prof. Dr. Francisco Cleiton da Rocha, é uma publicação da Editora da Universidade Federal do Piauí (Edufpi).



O livro **“Educação do campo e prática educativa: aspectos teórico-práticos”** é resultado da ação de um coletivo de professores e estudantes que dinamizam a Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)/Ciências da Natureza, vinculada ao Centro de Ciências da Educação (CCE), da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Os textos que a compõem direcionam-se para reflexões sobre essas duas vertentes para as quais se dirige a LEdoC/CCE: a Educação do Campo, paradigma educativo que propõe práticas pedagógicas contextualizadas, críticas e propensas à emancipação humana; e as Ciências da Natureza, área do conhecimento que possibilita a compreensão sobre a vida. É uma coletânea composta por 14 capítulos, oriundos de estudos e pesquisas desenvolvidos como Trabalhos de Conclusão de Curso, propostas de intervenção do Tempo Comunidade e Iniciação Científica, protagonizados por estudantes da LEdoC/CCE, sob orientação de docentes do referido curso. O livro, organizado pelos docentes da LEdoC/CCE - Profa. Dra. Keylla Rejane Almeida Melo, Profa. Dra. Keyla Cristina da Silva Machado, Prof. Dr.

Luiz Jesus Santos Bonfim - é uma publicação da Editora da Universidade Federal do Piauí (Edufpi).



O livro **“Educação do campo e pedagogia da alternância: diferentes concepções e projetos em disputas”**, organizado pelo Prof. Dr. Elmo de Souza Lima, Profa. Dra. Keylla Rejane Almeida Melo e Profa. Dra. Marli Clementino Gonçalves, é fruto dos trabalhos construídos a partir dos estudos, das pesquisas e das sistematizações desenvolvidas pelos pesquisadores e estudantes que participam das várias atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação do Campo (Nupecampo), da Universidade Federal do Piauí. A obra constitui-se num esforço de síntese das discussões teóricas e das práticas tecidas coletivamente, num diálogo permanente entre a universidade e as escolas da educação básica do campo no Piauí. Neste caso, o Núcleo faz a articulação de diferentes pesquisadores, educadores e estudantes de graduação e pós-graduação, bem como de lideranças de movimentos sociais, para pensar em estratégias de fortalecimento das políticas de educação do campo no Piauí. Publicado pela Editora Casa Editorial, de Curitiba, há versão impressa e e-book.

ARTIGOS SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO PUBLICADOS EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS NO ANO DE 2022


No artigo denominado “Produção e socialização de conhecimentos sobre Educação do Campo: reflexões sobre o Projeto de Extensão Inforcampo”, as Professoras da LEdoC Profa. Dra. Raimunda Alves Melo e Profa. Dra. Keylla Rejane Almeida Melo discutem as ações do Projeto de Extensão Inforcampo. Os resultados apontam que, através de sua produção, os licenciandos têm a oportunidade de identificar e problematizar o impacto das políticas e metodologias da Educação do Campo no cotidiano escolar e nas identidades dos atores escolares, bem como estabelecer vínculos entre a organização social, política, econômica e educacional nos municípios onde residem. Link de acesso:

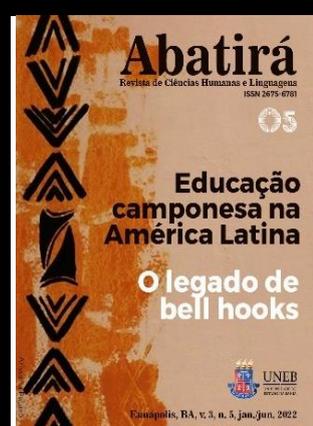
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/11678/20092>



O estudo intitulado “Programa Escola da Terra no Piauí: experiência educativa na direção da formação humana”, dos pesquisadores Prof. Ms. Luiz Jesus Santos Bonfim e Profa. Dra. Keylla Rejane Almeida Melo, relata práticas educativas desenvolvidas na segunda edição do Programa Escola da Terra (PET) na direção da formação humana. A análise e reflexões revelam que as atividades educativas realizadas no âmbito das ações formativas do Programa colaboraram na direção da formação humana, na medida em que buscaram discutir a importância da articulação do conhecimento sistematizado, reverberado nos conteúdos escolares, articulado à prática social do campo, a partir da inter-relação de princípios da Educação do Campo e da pedagogia histórico-crítica.

Link de acesso:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/13839>



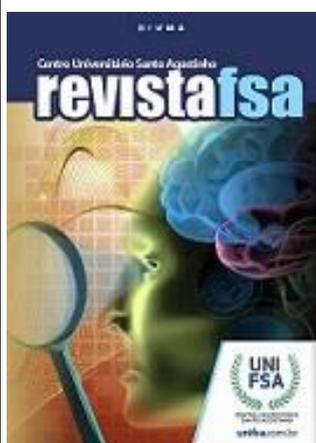
No artigo intitulado “A atuação dos movimentos sindicais rurais no enfrentamento ao fechamento das escolas do campo no Território Entre Rios: entre suturas e silenciamentos, uma voz de resistência”, os autores Eliana de Oliveira Silva, a Profa. Dra. Raimunda Alves Melo e o Prof. Dr. Francisco Renato Lima apresentam dados e reflexões acerca da luta dos movimentos sindicais rurais contra o fechamento das escolas do campo no Território Entre Rios, situado na região centro-norte do Piauí, com base em dados produzidos através de um questionário que foi respondido por 18 dirigentes de sindicatos dos trabalhadores rurais do Território Entre Rios.

Link de acesso: [https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/](https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/14165)

[view/14165](https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/14165)



No estudo denominado “Fracasso escolar no Ensino Médio de uma escola do campo: causas e razões identificadas nas vozes de estudantes e professores”, os pesquisadores Jilton Vitorino de França, Profa. Dra. Raimunda Alves Melo e Prof. Dr. Francisco Renato Lima analisam as concepções de estudantes e de professores do Ensino Médio da Unidade Escolar José Rodrigues da Silva sobre o fracasso escolar. Os resultados apontam que fracasso escolar é um fenômeno multifacetado, resultado dos reflexos da sociedade brasileira, marcada pelas desigualdades educacionais que repercutem negativamente no acesso e no sucesso dos alunos, imperando, ainda, a lógica da exclusão social, necessitando, portanto, da edificação de discursos e práticas de inclusão social, sobretudo, em escolas do campo. Link de acesso: <https://periodicos.ufv.br/elo/article/view/14198/7458>



O artigo “O Programa Residência Pedagógica (PRP) e a Formação de Professores de Ciências de Escolas do Campo”, dos pesquisadores Raimunda Alves Melo, Ednelma do Carmo da Cruz, e Francisco Renato Lima, teve como objetivo conhecer as contribuições do PRP para a formação dos professores de Ciências de escolas do campo. Os resultados mostraram que, mesmo diante de desafios, os bolsistas conseguiram desenvolver as ações do referido programa e relacioná-las com os pressupostos formativos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), e que as ações dentro do espaço escolar contribuíram para a construção de suas identidades como professores e para a aprendizagem de saberes da docência. Link de acesso: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2439>

Educação não
transforma o mundo.
Educação muda as
pessoas. Pessoas
transformam o
mundo.

Paulo Freire



PROJETO REAVIVAR A CULTURA CAMPESINA

Elaine de Oliveira Andrade

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Ao longo dos anos, as comunidades campesinas vêm passando por diversas mudanças, como nas formas de se relacionar, comunicar, entre outras. De um lado, isso evidencia que as comunidades estão evoluindo junto com as novas tecnologias; por outro lado, constata-se que estão perdendo a essência do que é ser uma comunidade campesina. Entender-se como camponês vai muito além do que morar no campo, é carregar consigo a cultura, a relação com a natureza, é ter orgulho de viver no campo, e entender que o campo é lugar de ação e transformação.

Ao entender que as mudanças são necessárias, mas que, ao longo do percurso, a identidade campesina não pode ser perdida, desenvolveu-se o projeto “Reavivar a Cultura Campesina”, na comunidade Vitória, no município de Pedro II-PI, com o intuito de que as crianças e adolescentes, a partir das reflexões sobre a valorização da cultura da comunidade e da identidade camponesa, pudessem desenvolver em si um sentimento de pertencimento, sentindo-se como parte fundamental da comunidade. Stubs (2014, p.5) afirma que é importante:

Discutir o papel do campo e, por consequência, do camponês, propiciando um repensar da sua realidade, desconstruindo os pré-conceitos existentes quanto ao seu modo de viver[...]. Contribuir para a afirmação da identidade do homem do campo, bem como a valorização da sua história, dos seus modos de vida, da sua forma de interagir socialmente, da sua fala, sua cultura e seus hábitos.

A necessidade de discutir sobre a cultura e a identidade do campo dentro da comunidade foi percebida através de um diagnóstico desenvolvido no bloco I do Tempo Comunidade do Curso de Educação do campo (LEdoC), no qual foi possível perceber que a cultura e a identidade camponesa estavam sendo perdidas.

O projeto desenvolveu-se em quatro momentos: o primeiro momento foi a realização de uma roda de conversa na comunidade com os jovens. Na ocasião, foram debatidos assuntos sobre cultura camponesa, a importância da vida em comunidade e aspectos da cultura local. Durante a atividade, foi lançada a ideia de executar uma noite cultural que abrangesse os costumes e tradições da comunidade. O segundo momento foi a mobilização de toda a comunidade para que ajudasse os jovens na produção do evento, com a realização de reuniões. Após as reuniões, os jovens da comunidade conseguiram o apoio da associação comunitária e da comunidade em geral.

Com algumas ideias na mente, o terceiro momento foi o planejamento das ações e das



Noite Cultural

apresentações que fariam parte da programação. Para isso, foram feitos encontros nos quais foi decidido o tema e o subtema da noite cultural. O tema escolhido foi “Vitória revive suas raízes”, e subtema, “Nossos costumes e tradições não podemos esquecer, para que nossa cultura não possa morrer”.

Por fim, o quarto momento foi a realização da noite cultural. No decorrer, foram feitas apresentações de danças, de cordéis, poemas, exposição de objetos

antigos encontrados na comunidade, e um mural com fotos de antigos moradores. Um evento que possibilitou relembrar tradições que foram esquecidas, de homenagear quem passou e quem fez história dentro da comunidade. Assim, foram envolvidas crianças, adolescentes, adultos e idosos, uma ocasião que permitiu a valorização da cultura e identidade camponesa, como também o fortalecimento das relações comunitárias.



Noite Cultural

Referências

STUBS, L. S. *A Valorização do Homem do Campo*. Marialva, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_hist_pdp_lenira_sampaio_stubs.pdf. Acesso em: 3 ago. 2021.

PIRIPIRI REALIZA I JORNADA DE SABERES E SABORES

Natália Pereira dos Santos

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

A Secretaria Municipal de Educação de Piri-piri realizou, no período de 23 a 25 de agosto de 2022, a I Jornada de Saberes e Sabores, cujo tema foi “Educação do Campo e Cultura Popular”, destinada a docentes, discentes, profissionais da educação e comunidade escolar das escolas do campo, incluindo todas as etapas e modalidades de ensino.

A Jornada de Saberes e Sabores se constituiu como um espaço de intercâmbio que reuniu diversas manifestações culturais relacionadas à linguagem popular e oral, dando-se destaque a danças, músicas, literatura,



Dança da Peneira

arte, costumes, tradições, hábitos, folclore, gastronomia local, etc., que os povos produzem e participam de forma ativa, geralmente passada às gerações de forma oral. Através da rede social Facebook, a Prefeita Jove Oliveira se manifestou, afirmando a sua gratidão e satisfação com a realização do evento, que nos três dias reuniu cerca de 12 mil pessoas, entre estudantes, professores, gestores, coordenadores, funcionários de apoio e as famílias.

A jornada teve como objetivo geral promover o amplo conhecimento, reflexão e resgate dos elementos que compõem as diversas manifestações culturais presentes nas diferentes comunidades a partir do diálogo e valorização da educação no campo. Entre os objetivos específicos, destacam-se: dar visibilidade às diversas manifestações culturais (gastronomia, artesanato, música, poesia, entre outras atividades), favorecendo a preservação dos conhecimentos populares; e promover conhecimentos, reflexões e resgate dos elementos que compõem as diversas manifestações culturais presentes nas diferentes comunidades escolares do campo da rede municipal de Piri-piri-PI.

Segundo a Professora Raimundinha Melo, “o município de Piri-piri aderiu ao Projeto de Extensão Mediação para a Transformação e, nos últimos dois anos, tem avançado bastando na implementação da política de Educação do Campo, tendo criado um departamento



Exposição de sementes

exclusivo para tratar das demandas dessa área. Também vem investindo na formação continuada específica para professores das turmas multisseriadas, melhoria na infraestrutura das escolas, organização curricular em ciclo, entre outras”. Reforça que “a I Jornada de Saberes e Sabores é mais uma ação que aponta caminhos para atender as determinações do Art. 28 da LDB, segundo o qual, os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela”.

O Coordenador da Educação do Campo da Secretaria Municipal de Educação de Piri-piri-PI, Professor Reginaldo, afirmou que “a Jornada de Saberes e Sabores foi desenvolvida em duas etapas. A primeira ocorreu no ambiente escolar, e foi



Apresentação do Boi

caracterizada por momentos de discussão, produção e estudos relacionados à temática da Jornada. A segunda etapa, interescolar, foi marcada pela culminância dos projetos escolares desenvolvidos nas escolas do campo, a partir da nucleação das escolas”.

Em síntese, projetos como este demonstram a importância de desenvolver um currículo sintonizado com a cultura camponesa. Nesse aspecto, os professores têm papel fundamental, protagonizando a luta para que a educação do e no campo se torne uma realidade em todos os municípios.

FEIRA CULTURAL MOSTRA AS RIQUEZAS DO NORDESTE EM NOVO SANTO ANTÔNIO

Natália Pereira dos Santos

Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Com o propósito de dá notoriedade aos conhecimentos e saberes da Região Nordeste, as escolas municipais de Novo Santo Antônio desenvolveram o Projeto Feira Nordestina, cuja culminância ocorreu hoje dia 8 de outubro de 2022. O projeto objetivou fortalecer a identidade cultural e social dos estudantes de Novo Santo Antônio, bem como despertar a consciência crítica, histórica e geográfica sobre a região Nordeste.



Exposição de artefatos culturais

A Feira contou com uma rica exposição de elementos da cultura nordestina, exposta em nove stands, um para cada estado da região Nordeste. Além da exposição, os estudantes, com o apoio dos professores, apresentaram lindas atividades culturais de danças como: forró, xaxado, maracatu, reisado, reggae, olodum, entre outras. Também houve apresentação da Banda de Música 26 de Janeiro (Projeto Esperança) e de artistas locais, como Pedro Lucas e Isaac do Acordeon.

Segundo a Prefeita Elisa Paz, “a região Nordeste é a mãe das nossas raízes culturais, caracterizada pela pluralidade cultural, expressa em danças, culinária, músicas, crenças, literatura e tantos outros, por isso é necessário incluí-la como parte do currículo escolar”.



Exposição de artefatos culturais

As escolas dedicaram atenção ao trabalho com a literatura que discute diferentes questões relacionadas ao Nordeste, como a obra de Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna (Auto da Compadecida), Francisco Gil Castelo

Branco (Ataliba, o Vaqueiro), entre outros. O Secretário de Educação, Agamenon Rocha, afirmou que “o projeto busca ampliar o conhecimento sobre a cultura nordestina, incluindo seus aspectos materiais e imateriais, a historicidade e as raízes culturais regionais”.

**HORTA DE ERVAS MEDICINAIS NA ESCOLA PROFESSOR
ANTÔNIO NUNES DE SOUSA***Elais do Nascimento Santos**Janaí Nascimento de Sousa**Maria Fabíola da Silva Santos**Graduandas do Curso de Licenciatura em Educação do Campo- Ciências da Natureza (LEDOC-
TERESINA)**Profa. Dra. Iael de Souza*

O presente projeto de intervenção “Horta e ervas medicinais dentro da escola” é resultado de uma proposta feita pela UFPI para os alunos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), com o objetivo de diagnosticar possíveis problemas na comunidade em que residem e, a partir desse ponto, tentar criar soluções e ações que possam amenizar essas problemáticas.

Logo após a realização do diagnóstico da comunidade Pé do Morro, foi constatado que havia uma grande necessidade da construção de uma horta para a Escola Professor Antônio Nunes de Sousa, pois a escola não possuía nenhum tipo de hortaliças dentro do ambiente escolar, usando somente produtos comprados em estabelecimentos comerciais locais, que apresentam uma grande concentração de agrotóxicos. Com esse projeto, percebeu-se a importância de levar informações sobre os danos causados pelo uso de agrotóxicos no cultivo das hortaliças e outros plantios, além de propor alternativas sustentáveis para a reutilização de materiais que possivelmente seriam descartados no meio ambiente.

O projeto teve início pelos discentes Francisco Silva Oliveira e Aderlane do Nascimento Silva, que tinham como objetivo proporcionar a conscientização e autonomia no âmbito da alimentação saudável e preservação ambiental, assim como despertar o interesse dos educandos e da comunidade acerca de uma melhor qualidade de vida sustentável. Contudo, o projeto não obteve sucesso a longo prazo devido à falta de apoio da gestão anterior, além da falta de interesse dos alunos e da comunidade.

**Horta escolar****Construção da horta**

Diante disso, as atuais provedoras do projeto, Elais do Nascimento Santos, Janaí Nascimento de Sousa e Maria Fabíola da Silva Santos, buscaram retomar o projeto de horta escolar inicialmente executado pelos estudantes da LEdoC, tendo como principal objetivo a ampliação e revitalização da horta com a perspectiva de transformá-la em um instrumento didático-pedagógico para a escola e ponte dialógica entre escola-comunidade.

Essa é uma proposta de construção de diálogos e realizações que buscam sensibilizar escola-comunidade, fortalecendo vínculos organizativos, numa perspectiva que seja transformadora da realidade dada. A ênfase recai na preservação ambiental e na conscientização para o mal uso dos recursos naturais em detrimento da saúde humana, além de enfatizar a importância do trabalho coletivo e da auto-organização.

Vale destacar que, apesar de ser um importante projeto para a comunidade escolar e região, a replantação das hortalças passaram por grandes dificuldades. A primeira tentativa de replantação da horta foi frustrada devido o início da pandemia. O retorno de forma remota às aulas impediu a participação efetiva da maioria dos estudantes, já que muitos não têm acesso à internet.

Com a adoção recente do formato híbrido, empreendeu-se nova tentativa de retomada. Em assembleia com a comunidade escolar (pais, estudantes, servidores, professores, direção), foi feita a apresentação da proposta do projeto, voltando às suas origens com os estudantes Aderlane do Nascimento Silva e Francisco Silva Oliveira, expondo os desafios e percalços enfrentados

e o resultado a que chegaram (ou não chegaram). Grande parte dos problemas experimentados deveu-se ao não envolvimento da comunidade escolar.

Logo após a assembleia, o projeto começou a ganhar vigor e veio de fato a ter uma evolução. Os alunos, membros da comunidade e funcionários da escola começaram a participar da construção da horta e a se envolver efetivamente, dando os passos para a construção de um trabalho coletivo e iniciando o processo de auto-organização, provocando mudanças visíveis nas condutas e relações, despertando as pessoas no tocante às melhorias possíveis para a saúde e meio ambiente.

A última ação será a entrega da horta e seus cuidados para a comunidade escolar, fazendo uma salada comunitária com os ingredientes cultivados com a participação de todos(as)(es) os envolvidos.



Palestra de sensibilização da comunidade escolar

DIÁRIO DE UM PROFESSOR SEQUER FORMADO

João Pedro de Sousa Barreto

Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Eu sou João Pedro, e enquanto escrevo esse relato estou em uma faixa de transição entre os meus 19-20 anos, e a oportunidade da docência me veio bem antes do que eu podia imaginar. A começar pelo ingresso na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), ainda com meus dezesseis anos, o que eu devo dizer que não ocorreu de modo planejado. Muito invejo aqueles que assumem de todo o coração uma profissão, dentre tantas, como o seu sonho pessoal, sua meta de vida, e isso desde muito cedo. Em meu caso particular, nunca pensei seriamente sobre o que eu queria ser. Na

verdade, eu passei tantos anos da minha infância com a afirmação vaga de querer ser um médico quando adulto que nunca me detive em optar por uma área em específico, nunca me senti predestinado a ser o que quer que fosse.

Quando cheguei à reta final do meu ensino médio na EFA Cocais, foi a primeira vez em que, de certa forma, eu me senti pressionado a optar por algum caminho, e pressionado por ninguém além de mim mesmo, pois só tinha como certeza querer “ser alguém na vida”. Pensei em algo correlacionado com o meu curso técnico, mas permanecia sem certeza de nada. Medicina veterinária, talvez? De qualquer forma, o primeiro passo seria me preparar para o Enem, foi quando surgiu a oportunidade do vestibular do curso de Licenciatura em Educação do Campo.

A direção escolar nos transmitiu a novidade sobre o lançamento do edital para a formação de uma nova turma, e insistiu para que todos realizassem suas inscrições sob a condição de buscar junto à Secretaria Municipal de Educação o transporte para a realização das provas na capital, Teresina. Nesse momento, eu não tinha qualquer pretensão de ser aprovado, assim como muitos, fui porque boa parte dos meus colegas também iriam. E como não tinha verdadeiramente pretensões com relação a ser aprovado, não me esforcei, como deveria, para o vestibular. Para a minha sorte, as questões estavam fáceis, e como por coincidência, o tema da redação abordava o uso de agrotóxicos, coisa que vínhamos discutindo uma semana antes durante os Plano de Estudo (PE) na escola. Foi assim que consegui minha vaga entre oitavo e nono convocado, não me lembro ao certo. A propósito, já notaram como os exames não provam nada do nosso verdadeiro conhecimento? Pois vejam só, enquanto eu estava entre oitavo e/ou nono aprovado, um dos meus colegas de EFAC mais inteligente terminou em décimo segundo, talvez pelo calor do momento, nervosismo, problemas pessoais, ou talvez ele só estivesse ali porque todos os demais também estavam, assim como eu. Nesse percurso até o sétimo período (meu período atual), muitos dos colegas de turma foram se perdendo pelo caminho, alguns simplesmente por não identificação com o curso e subsequente chance de tentar “algo melhor”. Felizmente, eu me encontrei nas ciências de uma maneira geral.

Agora, voltando para a docência, essa oportunidade em particular me veio enquanto cursava o sexto período. A propósito, caso não saibam, a partir do quinto período, o estudante tem o direito de exercer a docência, e é bom que iniciem com as tentativas de seletivos e concursos o quanto antes. Foi através do seletivo do governo do estado para preencher o quadro de professores que eu consegui a minha primeira experiência profissional, dentro do meu próprio município e aqui do ladinho de casa, daria para ir a pé caso não fosse tão sedentário. Os primeiros que me recomendaram tentar a sorte foram meus antigos professores do ensino médio, apesar de eu já vir há alguns dias pensando nessa possibilidade, mas voltado para biologia, área na qual temos uma base mais sólida do que nas demais. Todavia, eles me persuadiram de que como a concorrência para Biologia era muito maior do que para as demais, e de que na possibilidade de me direcionar para a



João Pedro de Sousa Barreto

Química, teria de concorrer com um dos meus antigos professores que trazia uma bagagem de maior peso que a minha (que sequer existia até então), era mais indicado optar pela Física, devido a escassez de professores. E foi o que eu fiz, mas sem muito ânimo. Assumo que, nesse momento, eu pensava no salário, afinal, eu estava noivo e logo me casaria, confesso porque penso já estar na hora de se desmistificar o professor voluntário, que deve doar tudo de si em prol da profissão, abnegando-se de recompensa. Não, somos pessoas assim como quaisquer outras, e, portanto, também levamos em conta primordialmente a nossa sobrevivência.

Fui aprovado em segundo lugar entre dois colocados, apenas eu e um outro professor já em exercício, e, por sorte, ambos fomos chamados. Desde então, eu tenho me *desdobrado* e me esforçado ao máximo para garantir um ensino de qualidade aos meus alunos dentro do que eu posso oferecer. Como supramencionado, na LEdoC temos uma base insuficiente em Química e Física, o que para mim foi de uma falta significativa, pois agora tenho de ser autodidata e correr atrás do aprendizado por mim mesmo, para que consiga ensinar o básico.

O primeiro contato com a sala de aula, diga-se de passagem, antes mesmo da realização dos estágios de regência, foi arrepiante. Eu estava confiante, me sentia preparado porque me preparei de antemão, cheguei na escola com meus planos em mãos, pontualmente, com um sorriso no rosto, mas a minha primeira turma quebrou essa autoconfiança tão rápido quanto a velocidade da luz no vácuo (299.792.458 m/s, valor atualmente válido). Eu elaborei uma conversa linda, mas eu falava e falava enquanto todos os alunos mantinham-se petrificados, foi aí que eu senti na pele a afirmativa de que os alunos sentem o cheiro do medo e se deliciam com isso, transformando tudo num monólogo. Esse foi o meu primeiro teste de resistência.

O segundo tão logo esse primeiro momento de resistência e de me intimidar como novo professor foi totalmente o oposto. Agora, pela distância encurtada entre a minha idade e a deles, foi difícil fazer com que me respeitassem, e em casos, fazer com que não confundissem a amizade que eu buscava construir com o respeito devido entre professor-aluno. Claro que eu me refiro à autoridade, e não autoritarismo. Sabem, em duas das minhas seis turmas, eu me deparei com dois colegas antigos da época de ensino fundamental. Esse ocorrido foi uma surpresa para mim, ao que também fiquei confuso por não saber se ficava feliz pelo que alcancei, triste pelo atraso que sofreram ou feliz por estarem insistindo. Tenho buscado ao máximo fazer com que aprendam a minha disciplina, e, inevitavelmente, pegando em seus pés, em especial, talvez por me sentir responsável por ajudá-los.

A minha experiência com as turmas de EJA também apresenta seus altos e baixos. Nossa relação, por incrível que pareça, é melhor, apesar de para mim ser desconfortável orientar pessoas mais velhas, o difícil mesmo tem sido proporcionar o aprendizado desses alunos, e não por questão de dedicação, sim por dificuldade em assimilar os conteúdos. Enquanto estamos no curso, temos uma grande ênfase atribuída à necessidade de contextualização dos conteúdos, dentre outras ferramentas fundamentais, porém, na Física é muito mais difícil de se estruturar um ensino contextualizado. Essa articulação eu sempre busco concretizar, embora nem sempre seja possível. Ao fim, a docência é uma construção diária e intermitente, penso não ser dos piores professores que existem, embora não me sinta como o melhor deles. O que eu posso garantir é um desejo enorme de melhorar a cada mês, a cada conteúdo, a cada aula. Enfim, são muitos os percalços que eu gostaria de compartilhar com vocês, penso que a minha experiência pessoal venha a servir de incentivo de alguma forma. Sigam firmes, não desistam! Juntos, os beija-flores, alcançaremos apagar o incêndio.

AÇÕES DE CONSCIENTIZAÇÃO DOS MORADORES DA COMUNIDADE LAJEIRO BRANCO EM ASSUNÇÃO DO PIAUÍ SOBRE O LIXO E SEUS IMPACTOS NO AMBIENTE

Marcus Vinícius Antunes dos Santos

Graduado do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

1 INTRODUÇÃO

O presente relato apresenta projeto desenvolvido no Tempo Comunidade (TC) do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Piauí-UFPI intitulado: “Ações de conscientização dos moradores da comunidade Lajeiro Branco em Assunção do Piauí sobre o lixo e seus impactos no ambiente”. A comunidade Lajeiro Branco, zona rural do município de Assunção do Piauí está a 25 km da sede do município. É uma das maiores e mais distantes localidades do município, possui cerca de 300 habitantes e é considerada uma grande produtora da riqueza regional, majoritariamente na agricultura e criação de animais.

O trabalho desenvolvido buscou intervir no modo como a comunidade trata seus resíduos sólidos e nas concepções detidas, pelos seus moradores, acerca do assunto, baseando-se em pesquisadores como Mucelin e Bellini (2008), Rocha *et al* (2012), entre outros.

Trata-se de um trabalho de importância social tendo em vista as intervenções realizadas, que instigaram mudanças de hábitos na população a respeito do lixo, apresentando as ações que foram adotadas para a redução dos impactos ambientais. Albuquerque (2014) afirma sobre a importância de conscientizar para gerar ações que resultem em cuidados com o ambiente.

O trabalho, como parte integrante de uma cadeia de estudos, foi proveitoso no âmbito das discussões e encerrou de forma próspera o primeiro eixo dos trabalhos comunitários do curso, fortalecendo a identidade com o campo e os vínculos comunitários.



Aula de campo

OBJETIVOS

O objetivo geral foi conscientizar os moradores da comunidade Lajeiro Branco, em Assunção do Piauí, sobre a questão do lixo na atual sociedade: surgimento, impactos no meio ambiente e maneiras de sanar esse problema, e, de forma específica, pretendeu-se conhecer a concepção de lixo detida pelos moradores, sensibilizá-los sobre os motivos e as consequências do lixo na atual sociedade, retratando os danos do despejo do lixo em locais inapropriados e, por fim, apresentar possíveis formas de redução do lixo e métodos de reaproveitamento.

METODOLOGIA

Inicialmente, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica em obras que abordavam a problemática do lixo na sociedade para que fosse possível levantar conhecimentos acerca do tema: a concepção da população e as hipóteses que levaram a questão dos resíduos sólidos ser um dos maiores problemas sociais contemporâneos. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa exploratória-

descritiva de cunho qualitativo, em que, por meio de uma entrevista estruturada, buscou-se conhecer a concepção que a população da comunidade tinha sobre o lixo. Assim, corrobora-se que foi executado um levantamento que se caracteriza pela interrogação a um grupo de pessoas aos quais almeja-se descobrir o comportamento para determinado assunto e, por meio de análise qualitativa, obter conclusões aos dados apanhados (GIL, 2002).

Após obter as informações acerca da opinião da comunidade sobre os resíduos sólidos, realizou-se uma palestra que abordou a questão do lixo: como história, impactos ambientais e sociais, legislação e práticas que podem ser adotadas para atenuar as consequências desse impasse. I- realização de palestra educativas sobre aproveitamento e decomposição dos resíduos sólidos; II- distribuição de panfletos com curiosidades sobre os detritos, III- aula de campo, na qual os alunos foram levados a um ponto de despejo de lixo na comunidade para que fosse possível observar a realidade dos impactos que o lixo pode causar ao meio ambiente local, instigando os discentes a repensarem sobre os próprios hábitos e uma possível modificação deles.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os seguintes gráficos mostram a visão que alguns moradores da comunidade Lajeiro Branco possuem sobre o tema lixo e suas vertentes, concepção que precisa ser conhecida para ser possível constatar qual visão ambiental é detida pelos habitantes e a importância de apresentar a eles práticas cotidianas mais sustentáveis.

Figura 01 - Concepção dos moradores



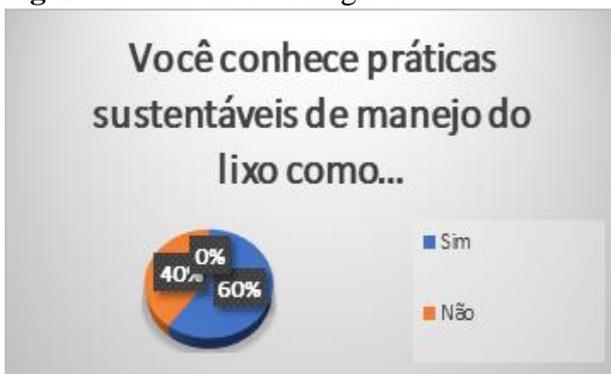
Fonte: Arquivo dos pesquisadores, 2020.

Figura 02 - Formas de descarte do lixo



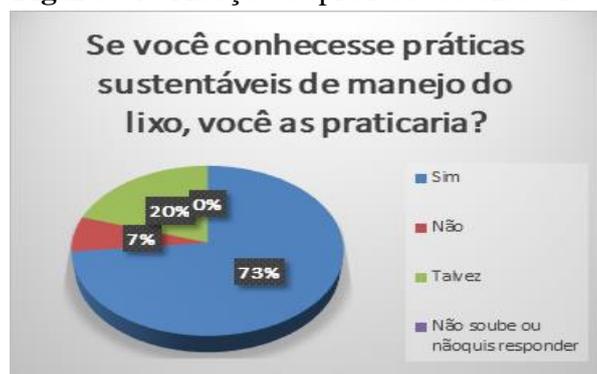
Fonte: Arquivo dos pesquisadores, 2020.

Figura 03 - Práticas ecológicas



Fonte: Arquivo dos pesquisadores, 2020.

Figura 04 - Adoção de práticas sustentáveis



Fonte: Arquivo dos pesquisadores, 2020.

A análise dos dados aponta que todos os moradores reconhecem que o lixo afeta a natureza. Dos entrevistados, 54% afirmam que queimam o lixo e os demais que descartam na mata ou em terreno baldio; 60% afirmaram que conhecem práticas de manejo sustentável do lixo e 40% afirmaram que não conhecem. Ainda, 73% informaram que desejam praticar formas de manejo sustentável do lixo.

Após a consolidação e análise dos dados da pesquisa, realizou-se uma palestra com os moradores, que foi ministrada por um professor graduado em Geografia. A exposição do assunto ocorreu na Unidade Escolar Lúcia Bezerra Lima, instituição de ensino da rede municipal de ensino localizada na comunidade. Durante o ato, foram elencados aspectos gerais acerca dos resíduos sólidos e abordados os motivos históricos que levaram o problema a ter grandes dimensões, todos com consequências diretas e indiretas no meio ambiente, sobretudo na comunidade, e que as ações, ao serem adotadas no cotidiano, culminariam na atenuação da poluição gerada pelos rejeitos da cultura consumista.

O ato foi considerado proveitoso pelos alunos, professores e gestores, pois exibiu de forma ampla assuntos preocupantes para a população. A participação majoritária da comunidade escolar segue o viés exposto por Freitas e Dudu (2014), que afirmam o poder da escola em, ao estar ciente dos impactos ambientais, reclamar ações do poder público.

Posterior à palestra, os alunos foram levados a um ponto de despejo de lixo da comunidade. Esta ação foi realizada pelo fato de os discentes serem familiarizados com aulas fora do ambiente escolar. O ponto escolhido foi próximo à barragem do povoado, que é poluída por muitos fatores, dentre eles o lixo. Foi argumentado sobre os resíduos presentes naquele espaço permanecerem por muitos anos, visto o grande tempo de decomposição de muitos detritos, principalmente aqueles derivados do petróleo. Segundo Dionysio, L e Dionysio, R (2010), os materiais que mais possuem período de decomposição são os vidros, isopor, esponjas, cerâmicas e pneus, pois podem demorar cerca de um milênio para desaparecer da natureza. Plásticos, alumínio e metais possuem tempo médio de 500 anos. Nesse sentido, os discentes foram conscientizados, mostrando a necessidade de preservar o meio ambiente para as gerações futuras, pois os mesmos originarão descendentes que poderão conviver com essa mazela por muitos anos e por mais tempo ainda, se nenhuma atitude for tomada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto de conscientização acerca do descarte de lixo na comunidade Lajeiro Branco foi um ato de grande importância, beneficiando o meio ambiente e a própria comunidade, que aprovou as ações efetuadas. Dessa forma, o desenvolvimento de um projeto de intervenção referente a esse problema foi aceito pela população sendo considerado de grande importância na comunidade que presenciou ações teóricas e práticas voltadas à temática dos resíduos sólidos que afetam negativamente o meio ambiente local.

Referências

ALBUQUERQUE, A. C. A. de. Um estudo da inserção dos catadores na política nacional de resíduos sólidos; uma forma de conscientizar e educar. *In: EL-DEIR, S. G. Resíduos sólidos: perspectivas e desafios para a gestão integrada*. Recife: EDUFRPE, 2014, p. 44-47.

DIONYSIO, L. G. M.; DIONYSIO, R. B. *Lixo urbano: descarte e reciclagem de materiais*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2010.

FREITAS, J. M. de A. S.; DUDU, R. E. S. Estudo de caso sobre a problematização de lixo na escola. In: EL-DEIR, S. G. *Resíduos sólidos: perspectivas e desafios para a gestão integrada*. Recife: EDUFRPE, 2014, p. 207-213.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002;

TEIXEIRA, E. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MUCELIN, C. A.; BELLINI, M. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. *Sociedade e natureza*, Uberlândia, v. 20, n.1, p. 111-124, jun. 2008.

ROCHA, A. C. et al. Gestão de resíduos sólidos domésticos na zona rural: a realidade do município de Pranchita – PR. *Revista ADM*, Santa Maria, v. 5, n. 4, p. 699 – 714, set./dez. 2012.

SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO NO E DO CAMPO DE MIGUEL ALVES-PI

João Vitor Andrade

Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Aconteceu no dia 26 de julho de 2022, o I Seminário Intermunicipal sobre Educação no e do Campo, realizado no município de Miguel Alves-PI, por meio de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Miguel Alves, o Curso de Licenciatura em Educação do Campo, a Escola Família Agrícola de Miguel Alves e a Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Piauí (FETAG).

O evento almejou promover a dinâmica de interlocução permanente no contexto do Território Entre Rios, dando visibilidade às ações formativas desenvolvidas no âmbito das universidades, secretarias de educação e de agricultura, escolas, comunidades rurais, ampliando o debate sobre Educação do Campo e a produção de saberes necessários à consolidação de seu paradigma.

O evento contou com a participação de pesquisadores e professores, autoridades políticas, acadêmicos da UFPI, estudantes da Escola Família Agrícola, e comunidade escolar e local. Inicialmente, foi servido um café camponês, seguido de acolhimento realizado pela banda de música Peleja. Após essa abertura, foi realizada a formação da mesa com falas das autoridades, com destaque para o Secretário Municipal de Educação Prof. José Pereira e a Profa. Dra. Keylla Melo que, na ocasião, falou em nome da Coordenação do



curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI.

Na sequência, houve a apresentação da dança do coco, protagonizada pelos estudantes da Rede Municipal de Educação, seguida de palestra proferida pelo Agrônomo Rosalvo Lopes Filho, que é assessor da FETAG e explanou sobre as riquezas e potencialidades do Território Entre Rios. Logo em seguida, a Prof.^a Raimundinha Melo trouxe ao público uma discussão focada na Educação do Campo, seus desafios, conquistas e possibilidades.

Após o almoço, houve a apresentação dos trabalhos produzidos pelos acadêmicos da Licenciatura em Educação do Campo e da Especialização em Educação do Campo, muito deles realizados em escolas e comunidades dos municípios onde residem. Esses estudos e experiências fomentam e fortalecem a Educação do Campo. Depois das apresentações, os participantes do Seminário realizaram a avaliação do evento e afirmaram se tratar de uma oportunidade de socialização de saberes.

Os desafios da Educação do Campo são diversos, cabe a todos nós ampliar as lutas de fomento e de pesquisa para que ela se torne uma realidade.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UNIDADE ESCOLAR SANTO ANTONIO DO CAMPO VERDE

Dina Kesia Pereira de Sousa

Graduada do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

A Educação Ambiental (EA) é um tema assegurado pelas legislações que regulamentam a educação básica, devendo ser incluído no currículo das escolas e trabalhado, preferencialmente, de forma interdisciplinar.

No município de Sigefredo Pacheco, a inclusão desta temática passou a ser trabalhada de forma mais enfática após a participação dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) em projetos de pesquisa, intervenção, no estágio curricular supervisionado e via ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid.

Através de suas experiências formativas, os estudantes da LEdoC vêm desenvolvendo diversas estratégias metodológicas para discutir e implementar ações de EA no currículo escolar e sensibilizar os estudantes e suas famílias sobre a necessidade de preservação do meio ambiente.

Como parte dessas iniciativas, destacamos algumas ações de um projeto didático desenvolvido com os alunos matriculados do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, cujo objetivo foi compreender os impactos causados pelo lixo ao meio ambiente e apontar soluções que contribuam para a diminuição da quantidade de lixo produzida pela sociedade. É importante ressaltar que a elaboração e execução do projeto fez parte das ações do ICMS Ecológico – um mecanismo tributário para os municípios com o objetivo de fazer com que as escolas desenvolvam ações de educação ambiental.



Culminância do Projeto

O projeto foi desenvolvido no mês de maio do ano de 2022 e o percurso metodológico do projeto se deu da seguinte forma: inicialmente, os professores trabalharam a temática nas aulas, seguido da produção dos trabalhos pelos alunos e finalizando com a culminância do projeto, oportunidade em que os alunos e professores apresentaram os trabalhos debatendo o tema com toda a comunidade escolar.

A culminância do projeto contou com a apresentação e discussão do documentário: “As Recicláveis” e com a dinâmica “A bola de lixo”. Logo em seguida, cada turma apresentou e discutiu o seu tema. Entre os temas trabalhados, ressaltamos tempo de decomposição de alguns resíduos, quais as lixeiras para cada tipo de lixo, produção de brinquedos e jogos com materiais recicláveis, o que eu consumi ou descartei ontem, as coisas que jogamos fora se transformam, entre outros.

Essas atividades foram importantes para a comunidade escolar e local, considerando que os conhecimentos a respeito do tema foram socializados de forma simples e prática. Através do documentário, por exemplo, foi possível conhecer cooperativas e associações por meio das quais as pessoas sobrevivem da reciclagem do lixo.

Com a dinâmica “A bola de lixo”, procurou-se conscientizar os alunos sobre a quantidade de lixo que produzimos no nosso dia a dia. Foram apresentados cartazes com o tempo de decomposição de alguns materiais, fazendo com que os alunos e a comunidade repensem os seus hábitos de consumo e descarte do lixo. Com o trabalho sobre os tipos de lixeiras específicas para cada tipo de lixo, foi possível aprender que os lixos recebem uma classificação quanto ao material de sua composição e que para cada tipo de material existe uma lixeira específica.



Apresentação de trabalhos pelos estudantes

Com a exposição de brinquedos e jogos produzidos com material reciclável, foi possível perceber que grande parte do lixo que produzimos e descartamos pode ser reutilizado dando um novo sentido e utilidade ao material que foi descartado. Com a discussão do que foi consumido ou descartado, trabalhou-se o consumo exagerado e desnecessário, que é o responsável pela grande produção de lixo. Com uma atividade prática, os alunos observaram durante uma semana o que acontece com alguns tipos de materiais, ou seja, percebeu-se que alguns materiais, como os vegetais, se transformam ou se decompõem de forma mais rápida que outros tipos de materiais.

Por meio da utilização de vídeos e de atividades práticas, os alunos apresentaram a origem do lixo, a duração do lixo no ambiente e o que isso causa, bem como alguns materiais que podem substituir outros tipos de materiais e que podem ser reciclados para diminuir os impactos no ambiente. As apresentações encerraram com a exposição de produção textual e com a leitura de uma das produções, que foi importante para a percepção dos conhecimentos dos alunos sobre gramática e produção de texto.

Portanto, a Educação Ambiental é parte fundamental do currículo escolar, tendo em vista a ampliação dos problemas ambientais e a necessidades de sensibilização da sociedade. Este projeto

foi de grande importância para toda a comunidade escolar, pois possibilitou um grande aprendizado e envolvimento de todos.

A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO ESCOLAR

Jackeline Martins da Silva

Márcia Maria Vasconcelos de Oliveira

Graduadas do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

No contexto atual, falar sobre educação é algo bastante amplo, razão pela qual, neste trabalho, tratamos sobre a educação escolar, compreendida como aquela que é desenvolvida pelas instituições de educação com o propósito de garantir a aprendizagem de conhecimentos que auxiliam no exercício da cidadania, transição da cultura, desenvolvimento de valores e atitudes, entre outros aspectos.

Embora, nos últimos anos, tenhamos evidenciado avanços, sobretudo relacionados à ampliação do acesso à educação escolar por parte da população de 4 a 17 anos, percebemos que existem fatores negativos que dificultam tanto o acesso, quanto a aprendizagem no ambiente escolar. Nesse cenário, as desigualdades sociais, as necessidades educacionais especiais, as dificuldades de aprendizagem, as carências da formação de professores, a escassez de materiais didáticos e pedagógicos, bem como de infraestrutura adequada, a falta de sensibilidade por parte da comunidade escolar, entre outras, se sobressaem como os principais desafios.

Nesse contexto de dificuldades, uma delas é pouco levantada e questionada. Contudo, é diariamente debatida de forma superficial em todos os cantos educativos. Trata-se das formas de atendimento dos estudantes em contextos que são marcados pela heterogeneidade, considerando suas especificidades, os espaços em que vivem, as vivências, as histórias enraizadas, as emoções

que levam e trazem do contexto escolar, e no sentido mais específico, como a escola reage diante da sensibilidade e do emocional do educando.

Em um mundo globalizado, onde as mídias propagam imagens da “vida perfeita”, a ansiedade torna-se cada vez mais presente, e isso acaba gerando impactos negativos no ambiente escolar e dificultando as possibilidades de uma educação inclusiva, contextualizada e humanizadora e fazendo com que se torne uma ferramenta de ampliação das desigualdades sociais. Assim, surge o questionamento: a comunidade escolar campestre está preparada para o enfrentamento dessas problemáticas?



Como o acompanhamento psicológico escolar pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, preparando os profissionais e estudantes para as dificuldades que surgem no ambiente escolar?

Diante do exposto, neste texto, discutimos o papel e a importância do psicólogo escolar no ambiente educacional, utilizando como referência a Resolução CFP nº 02/01, que alterou e regulamentou a Resolução CFP nº 014/00, que instituiu o título profissional de especialista em psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais.

De acordo com esta Resolução, o psicólogo escolar pode atuar no âmbito da educação formal, realizando pesquisas, diagnósticos e intervenção preventiva ou corretiva, em grupo ou individualmente, ou seja, esse profissional deverá desenvolver o seu trabalho integrando o aluno com a família e a comunidade escolar, promovendo a utilização de meios que contribuam para uma melhor aprendizagem e formação cidadã.

As dificuldades de aprendizagem não estão relacionadas somente ao aluno, mas também ao contexto externo, incluindo o ambiente familiar, a história de vida, os costumes e a comunidade escolar, ampliando as dificuldades de acesso, permanência e sucesso por parte dos estudantes. Para tal intervenção, é importante que os alunos com dificuldades de aprendizagem sejam devidamente identificados e diagnosticados pelo psicólogo escolar, para que, assim, possam ter garantido o direito de aprender e desenvolver as habilidades socioemocionais.

Para uma educação com qualidade socialmente referenciada, é imprescindível investir em educação continuada para todo corpo docente, principalmente no campo socioemocional, pois cada aluno vivencia momentos e histórias diferentes que estão intrinsecamente ligadas ao processo de aprendizagem e a seus comportamentos. Nesse sentido, a escola deve também fornecer meios e equipamentos que despertem o interesse do discente em um ambiente que seja acolhedor, inclusivo e que valorize o humano.

O psicólogo educacional, juntamente com o corpo de professores, pedagogos e gestão escolar, deverão oferecer condições para que cada aluno supere as dificuldades de aprendizagem, sendo necessário uma maior sensibilidade, respeito e inclusão por parte desses profissionais. O trabalho conjunto poderá garantir ferramentas para atenuar os problemas enfrentados dentro das escolas, pois os alunos que se sentem desmotivados e com dificuldades de assimilar os conteúdos terão mecanismos e soluções para sanar as suas complexidades escolares.

Sendo assim, apesar de poucas escolas oferecerem os serviços de um psicólogo, esse se faz necessário dentro do ambiente educacional, pois é ali que haverá, de maneira mais expressiva e completa, a formação cidadã. É fundamental identificar as dificuldades de aprendizagem e promover as atividades necessárias para que haja o desenvolvimento do aluno, gerando uma comunidade escolar engajada e mais humana, tratando as complexidades e formando cidadãos mais preparados para desenvolver suas habilidades em sociedade.

Referências

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução nº 02, de 10 de março de 2001*. Altera e regulamenta a Resolução CFP nº 014/00 que instituiu o título profissional de especialista em psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2001_2.pdf. Acesso em: 02 nov. 2022.

A IMPLEMENTAÇÃO DO “NOVO ENSINO MÉDIO (NEM)”
NA UNIDADE ESCOLAR HAYDÊE LAGES MONTE

Luciano Ferreira Silva

Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Nas últimas duas décadas, diversos países realizaram reformas curriculares na educação básica. Da mesma maneira, o nosso país vem implementando uma reforma curricular de âmbito nacional, que demanda um esforço das escolas para a materialização do modelo de currículo adotado. A lei nº 13.415/2017, conhecida também como “Lei do novo ensino médio” alterou a LDB, remodelando a estrutura curricular do Ensino Médio, preconizando, assim, um duvidoso parâmetro de **igualdade** educacional, cujas base deve ser referência em todas as escolas do país.



Mas, afinal, o que é o NEM? O que mudou com a aprovação dessa nova Lei? O

que permaneceu igual? Houve alterações na carga horária e na grade curricular? Pois bem, são inúmeros os questionamentos quando nos deparamos com algo diferente e, como o próprio nome se autointitula, como novo, e no cenário de implementação da referida reforma as indagações são inúmeras. As perguntas destacadas no parágrafo anterior geram inquietudes nos professores, gestores e estudantes da Unidade Escolar Haydêe Lages Monte.

Este texto tem o propósito de mostrar como está sendo a implementação do NEM na referida escola do campo, o que alunos, professores e gestores estão achando dessa nova proposta, e quais são os desafios e possibilidades dos processos de ensino e aprendizagem nesse cenário de mudanças.

Os dados produzidos para a confecção do trabalho foram coletados através da observação simples e das vivências no Estágio Curricular Supervisionado III, proposto pelo Curso de Licenciatura em Educação do Campo, através do qual tivemos a oportunidade de dialogar com os professores, a gestão escolar e os estudantes do 1º ao 3º ano do Ensino Médio.

A Unidade Escolar Haydêe Lages Monte fica situada na zona rural do município de Barras, especificamente na comunidade Barreiro, situada a cerca de 35 km da sede do município. Esta instituição de educação atende alunos de 15 comunidades rurais. O Ensino Médio é ofertado à noite, para em média 400 alunos, cujas aulas ocorrem em três locais (Barreiro é a sede; Sossego e Formosa são anexos). Os estudantes possuem faixa etária entre 15 e 35 anos, sendo quase toda sua totalidade alunos da zona rural.

Partindo, então, dessa premissa inicial, tratamos agora sobre a implementação do novo modelo de Ensino Médio proposto pelo Ministério da Educação e em fase de implementação na referida instituição de ensino. O calendário proposto pelo Ministério da Educação (MEC) define que o NEM seja implementado neste ano de 2022, de maneira gradativa, iniciando pelo 1º ano; em 2023 será estendido ao 2º ano; e, por fim, em 2024 ao 3º ano. Quanto à carga horária, esta passará de 800 para 1000 horas anuais, acrescentando uma hora a mais de aula por dia, que, para o ensino

noturno, é praticamente inviável devido à logística que envolve a disponibilidade de transporte escolar e o fato do público do Ensino Médio ser constituído de pessoas que trabalham.

O novo currículo é composto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino (BRASIL, 2017). Na proposta, os itinerários formativos são definidos como o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Outra dificuldade observada, é que, ao tratar das eletivas, não estão implícitos sua funcionalidade e o seu significado.

Em âmbito curricular, o NEM também contempla uma nova disciplina, intitulada “projeto de vida”, que é o planejamento que o aluno faz para atingir seus sonhos pessoais, profissionais e para a vida em sociedade, contando, para isso, com todo o suporte pedagógico da escola, sendo que esses alunos, em tese, devem sair do Ensino Médio prontos para ingressarem no mercado de trabalho. Segundo a proposta, essa disciplina ajudará o estudante a escolher o itinerário formativo que ele deseja seguir. Rocha, Brito, Cerce (2022, p. 5) afirmam: “O projeto de vida permite o sonho, o planejamento, a organização de pensamentos, de ações, escolhas, valores pessoais e coletivos, que se viva em um movimento de construção e reconstrução do eu, a partir de metas e objetivos que nortearão o sentido da vida”. Então, todo esse processo tende a partir da realidade do aluno e suas especificidades para que tenha êxito.

No entanto, o que se ver é pouco engajamento por parte dos discentes, que veem a disciplina como algo sem significado em sua vida. Pesquisa desenvolvida por Magalhães Neto (2019) aponta que o fim almejado pelo ensino de competências socioemocionais está relacionado à ideologia da racionalidade tecnológica, por mediação da “psicologia”, para a adaptação do indivíduo aos padrões da sociedade contemporânea, em que a educação escolar é empregada de forma estratégica para a adequação, o conformismo, a obediência e a heteronomia dos alunos.

Sobre as mudanças que envolvem os livros didáticos, a cada semestre, os estudantes recebem um material de cada área do conhecimento, totalizando oito livros por ano. Antes da reforma, o MEC disponibilizava, anualmente, um livro de cada componente curricular. Dessa forma, percebemos a redução dos materiais didáticos fornecidos para estudantes e professores. Na referida instituição, o livro didático está sendo pouco explorado, e os professores estão buscando outras fontes, selecionando e adaptando os conteúdos aos diferentes níveis de aprendizagem dos estudantes, que falam que sequer levam o livro para a escola.

Silva *et. al* (2022) afirmam que ensino por áreas do conhecimento promove a desvalorização das disciplinas e o material didático adotado pelo MEC possui lacunas de conteúdos essenciais, além de perda na qualidade teórico-conceitual. Além disso, a carga horária para trabalhar os componentes curriculares essenciais foi reduzida, fazendo com que o professor faça “jogo de cintura” para evitar ainda mais o empobrecimento da formação dos estudantes do Ensino Médio.

Em resumo, é evidente que a implementação do NEM na Unidade Escolar Haydêe Lages Monte ocorre em um contexto marcado por enormes desafios, que são potencializados pela ausência de formação continuada para a gestão escolar e equipe docente, algo indispensável para a implementação de um currículo, que, em síntese, contempla as seguintes mudanças: ensino pautado no desenvolvimento de competências e habilidades; parte diversificada do currículo constituída de itinerários formativos; organização curricular por área de conhecimento, com foco na interdisciplinaridade; protagonismo do aluno, entre outras.

Tudo isso “caiu como uma bomba” no cenário escolar, cujos sujeitos mais atingidos são os estudantes e professores, que se encontram desorientados, sem sequer saber por onde começar, sem compreender como farão essa implementação curricular em um contexto caracterizado pela carência de condições de trabalho e de aprendizagem, sem entender como deixarão no passado as bases teórico-pedagógicas da pedagogia tradicional e adotarão a pedagogia das competências, se nem ao menos compreendem a proposta.

Referências

MAGALHÃES NETO, A. C. de. *Crítica da educação centrada nas competências socioemocionais*. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Sabrina Crisóstomo; DE OLIVEIRA BRITO, Renato; CERCE, Livia Maria Rassi. O protagonismo estudantil e os desafios da sociedade contemporânea: um diálogo sobre projeto de vida. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 1, p. e39511125070-e39511125070, 2022.

BRASIL. *Lei nº. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Dispõe sobre a reforma do ensino médio brasileiro, Brasília DF, 2017.

DA SILVA, Mylena Vicente et al. Projeto Curricular: análise coletiva das coleções didáticas para o Novo Ensino Médio. *Caderno Impacto em Extensão*, v. 2, n. 1, 2022.

CEGUEIRA BOTÂNICA E A RELEVÂNCIA DO ENSINO CONTEXTUALIZADO

João Pedro de Sousa Barreto

Graduando em Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza (LEDOC-TERESINA)

Maria Jaislanny Lacerda e Medeiros

Doutora em Biologia Vegetal. Professora do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC-TERESINA)

Essa história foi elaborada como uma proposta da disciplina de Biologia Vegetal I, a fim de ilustrar sobre a Cegueira Botânica. O conceito remete à falta de percepção das plantas no ambiente, conduzindo a incapacidade de reconhecer sua importância na biosfera e no cotidiano, de apreciar sua beleza e suas características peculiares, além de possibilitar uma visão equivocada de que as plantas são inferiores aos animais (NEVES et al., 2019; SALATINO; BUCKERIDGE, 2016).

Em uma manhã de sábado, João acordou bem cedo, apesar de não haver aula para aquele dia, antes mesmo que o alarme do celular tocasse como havia programado, para as oito e meia. Estava ansioso por



conta de um trabalho proposto para aquele fim de semana na disciplina de Biologia.

Como estudavam botânica, sua professora determinou que cada um buscasse pontuar todas as coisas que, em seu dia a dia, provinham de origem vegetal. Sua preocupação referia-se ao fato de que por mais que se esforçasse em descobrir tais produtos, nada lhe ocorria à mente.

Levantou de sua cama bagunçada e, logo após, estendeu-se de volta para beijar o terço que deixava sempre pendurado na cabeceira da cama, ignorando o fato de que esta fora feita de madeira de primeira, com certeza pau d'arco, uma árvore forte e resistente, nativa brasileira.

Caminhou para a cozinha em busca de seu café da manhã, e, por alguma razão, não havia mais ninguém em casa. Sentou-se, apanhou uma xícara na qual despejou o café fumegante e, da cesta de pães, escolheu o mais dourado. Ainda pensava em seu trabalho, poderia falar das alfaces e tomates que compunham a salada de ontem, mas não queria dizer o óbvio, pois tinha certeza de que todos os outros o fariam. E, mais uma vez, ignorou o fato de que o café que bebia provinha das sementes de uma planta, o cafeeiro, e que de igual forma no pão que comia estava presente o trigo, uma segunda planta e uma das maiores culturas de cereais.

- Para esse pão, não cairia nada mal um ovo frito.

Ergueu-se, aparou um ovo na geladeira, a frigideira, e o óleo de soja para o complemento.

Dali, então, seguiu para o banheiro onde primeiro lavou seu rosto. Foi quando, por acidente, raspou uma espinha inflamada com a unha, fazendo sangrar e, da gaveta do armário do banheiro tirou uma bolinha de algodão e pôs em cima da ferida. Mas ele não lembrou das plantações de algodão, talvez acreditando que viessem mesmo da mercearia. Escovou seus dentes com seu creme dental de menta, pela metade, voltou para o quarto.

Agachou-se diante da estante de livros que havia encomendado no carpinteiro meses antes, na esperança de que pudesse encontrar, dentre os livros, algum que o orientasse na produção do trabalho sequer começado, nada de útil para a ocasião. Voltou para cama acompanhado de papel e lápis.

Nada de substancial lhe ocorreu à mente para o trabalho.

Ao fim, teria que se contentar em descrever as cebolas, batatas e cenouras, posto que era quase impossível pensar para além da gaveta de legumes. Ignorava, até mesmo, o fato de que os instrumentos de que dispunha para a escrita, o papel e o lápis, também adivinham dos vegetais. Adormeceu.

Após algumas horas, foi acordado pela mãe que já havia chegado, para que ajudasse na cozinha com o preparo do almoço. Sua mãe cortava a carne à beira da pia em sua tábua de madeira, enquanto ele era o responsável pela salada. - Talvez fosse um sinal, ele pensou.

- Acabou o isqueiro, procura a caixinha de fósforos para a mãe - ela o interrompeu em seus pensamentos. Ele a encontrou depois de vasculhar por todo o armário de madeira.

Mais tarde, quando terminaram de almoçar, ele pegou um palito de dentes e retomou o seu sofrimento. Estirou-se na cama a pensar e pensar no que escrever enquanto mirava o teto, olhando para as ripas que sustentavam as telhas.

Começou a ficar quente, ele olhou pela janela e viu que, ao longe, alguém iniciava uma queimada, algum homem acabava com as árvores para abrir loteamento.

- Que droga! - Ele pensou de tudo, e já sem mais escolhas começou a escrever:

"Querida professora, para além dos legumes e verduras que me obrigam a comer e que são de origem vegetal, não consigo imaginar qualquer outra importância relativa aos vegetais".

Com essa história, percebe-se a necessidade de contextualizar o ensino de botânica para que

a aprendizagem seja mais significativa, uma vez que o novo conhecimento será elaborado com base naqueles que já existem, tornando o processo mais interessante e atribuindo mais sentido ao que é estudado (URSI et al., 2018). Dessa forma, compreende-se o alto potencial educativo inerente à utilização da construção e contação de histórias enquanto instrumento facilitador da aprendizagem, inerente ao aspecto lúdico dessa proposta, que, se bem estruturada, possibilita a compreensão e retenção dos conhecimentos escolares-científicos, ao tornar o ensino um processo mais prazeroso e diretamente implicando na formação de futuros leitores (FREITAS et al., 2020; MULLER, 2020).

Referências

FREITAS, S. D. C. et al. A contação de histórias no processo de ensino aprendizagem. *WEB Artigos*, 2020. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-contacao-de-historias-no-processo-de-ensino-aprendizagem/165669>. Acesso em: 12 de ago. de 2022.

MULLER, M. Porque as histórias facilitam a aprendizagem. *Tistu*, 2020. Disponível em: <https://tistu.com.br/por-que-as-historias-facilitam-a-aprendizagem>. Acesso em: 12 de ago. de 2022.

NEVES, A.; BÜNDCHEN, M.; LISBOA, C. P. Cegueira botânica: é possível superá-la a partir da Educação? *Ciênc. Educ.*, v. 25, n. 3, p. 745-762, 2019.

SALATINO, A.; BUCKERIDGE, M. “Mas de que te serve saber botânica?” *Estudos Avançados*, v. 30, n. 87, p. 177- 196, 2016.

URSI, S. et al. Ensino de Botânica: conhecimento e encantamento na educação científica. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 94, p. 7- 24, 2018.

O FRACASSO ESCOLAR NO ESPAÇO CAMPESINO

Juliana da Conceição dos Santos

Vitória Maria da Silva Sales

Graduandas do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

O espaço campesino sempre foi alvo de diversas discussões e diálogos, pois apresenta muitas especificidades, que se estendem também aos processos educativos escolares.

As escolas campesinas apresentam muitos problemas que influenciam diretamente no desempenho dos estudantes, pois o espaço escolar é um fator determinante do processo de ensino-aprendizagem. Esses problemas relacionam-se à carência de infraestrutura, formação específica para professores, usos de metodologias tradicionais, ausência de materiais didáticos e pedagógicos contextualizados com a realidade camponesa, entre outros.

Essas problemáticas contribuem para o baixo desempenho dos estudantes, resultando em fracasso escolar, um conceito utilizado para se referir aos alunos que não conseguiram completar com sucesso as diferentes etapas do ensino, seja devido ao abandono escolar, seja por reprovação escolar, entre outros. Além disso, inclui também aqueles que estudaram, mas não conseguiram aprender e usufruir dos benefícios da educação.

O fracasso escolar nas escolas do campo inclui, também, outros fatores, como o fato de as escolas não possuírem identidade camponesa e nem estabelecerem permanente diálogo com os povos do campo e suas lutas (SOUZA; GHEDINI, 2020), portanto são escolas que não dialogam com a realidade cotidiana dos estudantes, não levando em consideração suas vivências dentro da sua realidade e, por esta razão, as aprendizagens proferidas não são significativas para a vida.

Na realidade campestre, muitas instituições não possuem um prédio escolar com infraestrutura adequada; existem poucos materiais para os educadores desenvolverem suas atividades; muitas vezes, não há o transporte para levar os alunos para a escola e, quando há, não tem segurança. Segundo Souza e Ghedini (2020, p. 2), “o que a legislação prevê é que as escolas estejam localizadas no campo, para evitar longas horas de transporte escolar de crianças e jovens”, pois isso prejudica o aprendizado dos alunos, provoca o abandono e, conseqüentemente, o fracasso escolar.

Outro ponto que também contribui para o fracasso escolar são os métodos de ensino adotados pelos professores, baseados, principalmente, na pedagogia tradicional, em que o professor é detentor de todo o conhecimento, e o aluno atua como ser passivo, que está na sala de aula apenas para absorver o que está sendo exposto pelo professor. Nesse sentido, os autores Piccin e Betto (2018, p.16) afirmam: “Nessa concepção de educação, educar representa um ato de mera transferência de conhecimentos e valores do/da educador/educadora ao educando/educanda”.

Desenvolvida nestas condições, a prática docente não contempla atividades que despertem o interesse e a curiosidade dos estudantes para a aprendizagem e, a cada dia, eles vão perdendo o interesse pela escola, não conseguindo vê-la como um lugar de aprendizagem e de espaço de relações com experiências para suas realidades diárias.

Ao tratar sobre essa temática, não podemos esquecer a influência das questões familiares, pois a família é a base e o alicerce do indivíduo. É também a primeira instituição onde o ser humano é educado. Quando um aluno entra na escola, ele deve levar consigo alguns hábitos e comportamentos que facilitem a sua convivência e socialização no ambiente escolar. Sendo assim, é fundamental a participação da família do processo de ensino-aprendizagem; é necessário que participe e esteja atenta ao desenvolvimento dos estudantes que se encontram sob a sua responsabilidade.

No entanto, a realidade apresenta-se como forma adversa, pois muitos pais, por serem analfabetos, não conseguem acompanhar as atividades escolares dos filhos, outros não conseguem ver na educação uma porta de oportunidades e incentivam os filhos a se dedicarem ao trabalho desde cedo. Partindo desse pressuposto, “o papel da escola é suprir essas carências por meio da socialização dos conhecimentos socialmente relevantes, que são produzidos, narrados e socializados a partir dos interesses e necessidades das classes favorecidas”. (SOARES, 2000, p. 1).

Ainda convém lembrar que o fracasso escolar é uma realidade que assola nosso meio educacional campestre há muito tempo, pois como sabemos, o campo ainda é retratado como atrasado, os recursos são poucos, as famílias desassistidas pelo poder público, e a escola, que é um dos principais meios de transformar essa realidade, às vezes, não leva em consideração esses embates que perduram há muito tempo. Como já citado, vários fatores contribuem para o fracasso escolar. Soares (2000, p. 4) afirma que:

as problemáticas da educação brasileira perpassam outras questões, entre elas, a ausência de um projeto de educação nacional, definido e bem estruturado, adotado

como política de estado e não apenas política de governo, o reflexo dos problemas sociais nas questões escolares; a falta de condições de trabalho dos profissionais da educação, entre outras.

O cenário explicita de quem é, a priori, a responsabilidade pelo fracasso escolar, que, na maioria das vezes, é atribuído apenas “aos alunos, suas famílias e à escola, desconsiderando as estruturas políticas, econômicas e sociais e suas influências sobre esse contexto.” (SOARES, 2000, p. 2).

Portanto, para superação desses fatores de fracasso escolar campesino, se faz necessária uma educação dialógica, que vá ao encontro das necessidades educacionais dos estudantes camponeses, tendo como “base a auto organização, o trabalho como princípio educativo e a construção da consciência de classe”. (SOUZA; GHEDINI, 2020, p. 3). Para a formação de uma sociedade socialmente justa e sem desigualdades sociais, tendo a educação escolar como um dos meios de transformação dessa realidade.

Referências

DE SOUZA, Maria Antônia; GHEDINI, Cecília Maria. Pedagogia Socialista, Educação Popular e Educação do Campo: problematizando a escola pública no/do campo. *Movimento-Revista de Educação*, v. 7, n. 12, p. 130-155, 2020.

PICCIN, Marcos Botton; BETTO, Janaina. *Educação popular, movimentos sociais e educação do campo*. 1 ed. Santa Maria- RS. UFSM, NTE. 2018.

SOARES. M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Editora Átila, 2000.

HISTÓRIA DE VIDA

Antonia Silva de Almeida

Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI



Mãe fazendo adobos

Sou Antonia Silva de Almeida, filha de Iracilda Maria de Oliveira Silva e tenho três irmãos: Rosivaldo, Maria dos Milagres e João Lucas. Vivemos na comunidade Chapada das Sindá, no município de São João do Arraial. Minha mãe criou todos os seus filhos só com a força de Deus, pois seu primeiro marido, meu pai, Agnaldo José de Almeida, morou com ela, mais ou menos, por seis anos. Moravam na cidade de São João do Arraial, com sua primeira filha, que no caso sou eu, fizeram um salário maternidade e, com o dinheiro, compraram um lote na cidade para fazer uma casa, pois viviam de aluguel, então construíram a casa e foram morar, mas, como passar do tempo, meu pai trocou a casa em dois lotes, um no interior e outro na cidade. O lote do interior possuía uma casa coberta de palha e

paredes de taipa, onde foram morar por dois anos. Nessa época, minha mãe engravidou de meu irmão Rosivaldo. Meu pai começou a fazer violência doméstica com minha mãe, ou seja, maltratando-a e a traindo com outras mulheres. Então, quando minha mãe teve meu irmão, meu pai a largou e o pedido que ela fez a ele foi que a deixasse no lugar onde estava morando, que era na cidade, onde minha mãe conseguiu uma moradia com seu primo por alguns tempos, mas não demorou e as vizinhas começaram a inventar fofocas de que minha mãe queria tomar posse da casa do primo dela, e também diziam que ela não tinha condições financeiras de criar dois filhos na cidade, por isso, o melhor a fazer era dar os seus filhos. Com isso, ela se chateou e foi morar no interior com meu avô materno, levando os dois filhos. No início, meu avô aceitou, mas, com o passar do tempo, ele começou a consumir bebidas alcoólicas e dizia que não queria ela dentro da casa dele com os dois filhos. Toda vez que ele bebia, mamãe saía de casa para casa de sua irmã. Na casa de sua irmã, os sobrinhos dela não eram unidos conosco, assim, quando íamos almoçar ou jantar, eles derramavam a minha comida e a do meu irmão e continuava o sofrimento, mas sempre ela voltava para casa de seu pai quando ele não estava bêbado. Porém, não demorava e começava tudo novamente. Meu avô pedindo para ela sair de casa, assim ela saía e ia para a casa da sua outra irmã, mas era da mesma forma, ou seja, os primos não gostavam de nós, e prosseguia o sofrimento. Em um certo dia, seu pai, muito bêbado, passou dos limites e disse que queria, de uma vez por todas, que nós saíssemos da casa dele, e assim fizemos. Como não tinha para onde irmos, minha mãe decidiu abrigar-se no mato. Ela se preparou e fez uma pequena construção coberta de palha e passamos a morar no local. Na época, tinha uma vantagem, que era não ser período de chuvas e, nesse mato, vivemos, mais ou menos, por três meses: eu, mamãe e Rosivaldo. Dormíamos em duas redes amarradas em árvores até que fizesse uma casa.



**Subprodutos do babaçu
produzidos pela família**

Com certo tempo, mamãe resolveu se preparar para construir uma casa ao lado da latada de palha, mas como existem pessoas que gostam de fofocas, foram falar para o dono da terra que ela ia fazer uma casa no terreno dele. Quando o dono soube, veio até onde a minha mãe estava, e falou que não era para ela construir a casa, pois ela devia morar com o pai dela e ela disse que seu pai não aceitava e ele continuava a dizer que ela não ia fazer a casa. Nesse momento, o proprietário da terra começou a passar mal e, como era de manhã, ainda tinha leite em uma vasilha. Minha mãe ficou assustada e começou a ajudá-lo, dando um leite. Após ele melhorar, minha mãe colocou-o na garupa da bicicleta e foi deixá-lo na casa dele. No dia seguinte, o dono da terra retornou e disse que mamãe podia fazer a casa. Com isso, minha mãe não parou e reiniciou o limpo da casa. Na época, trabalhava duro para sustentar seus dois filhos, através da quebra do coco babaçu.

Para construir a casa, ela trocava diárias com homens. O serviço que ela sabia era encoivarar a roça, carregar madeira no ombro e cavar buracos para fazer cerca. Quando ia trabalhar, levava seus dois filhos, pois não tinha onde deixar. Com os serviços trocados, ela conseguiu construir a sua moradia

e começou a viver na sua casa.

Após alguns anos, ela conheceu outro homem e engravidou da minha irmã Maria dos Milagres, mas o homem que ela conheceu não chegou a morar com ela, pois quando soube que minha mãe estava grávida abandonou-a. Assim, ela foi vivendo a sua vida. Passou alguns meses e meu irmão colocou fogo na casa. O desespero aumentou, pois ela perdeu tudo que tinha e voltou a morar com seu pai. Na casa dele, ela teve a minha outra irmã, mas o sofrimento não acabava, pois seu pai continuava a consumir bebida alcoólica e dizia que não queria ela dentro de casa. Novamente ela reinicia outro limpo para fazer outra casa. Esse período foi em 2007. Alguns membros da associação de moradores da comunidade, vendo a situação dela, disseram que iam ajudá-la e começaram a fazer adobo para construir a casa. Minha mãe ficou feliz e terminou o limpo da casa, mas veio outro homem e pegou os adobos emprestados e nunca devolveu. Assim, a tristeza crescia, mas ela não baixou a cabeça, e as pessoas da associação se juntaram e construíram a casa de taipa para ela e foi coberta de telha doada pelo prefeito da época, Francisco Lima. Com a casa feita, ela se mudou para a casa.

Vivendo em sua casa, ela trabalhava todos os dias de domingo a domingo para sustentar seus filhos, apenas com coco babaçu. Após um tempo morando na sua casa, o pai da minha irmã nova prometeu ser bom, foi morar com minha mãe, mas não demorou e começou a fazer maldades com ela. Ele consumia bebida alcoólica e queria fazer agressões e fazia minha mãe dormir fora de casa. Um certo dia, chegou muito bravo e passou dos limites, pois queria

matar minha irmã, a filha dele, mas eu bati nele com a corda e colocamos ele para fora de casa e, no outro dia, minha mãe fez um boletim de ocorrência na

delegacia e ele não morou mais com minha mãe. Após o sofrimento, ela tentou continuar sua vida e, em 2010, o meu pai apareceu e voltou a morar com minha mãe. Na época, eu adoeci: colocava sangue pela boca e pelo nariz. Ele ajudou um pouco, mas, vendo a situação, abandonou novamente minha mãe. Ela sofreu muito indo para Teresina me levar para o tratamento. Um vereador do município ajudou e, graças a



Subprodutos do babaçu produzidos pela família



Trabalho da família na roça



Família fazendo cerca

Deus, melhorei.

A minha mãe continuava sua vida, trabalhando com coco babaçu para sustentar os três filhos. Quando ia catar coco no mato, levava os filhos também, pois não tinha onde deixar. Passando o tempo, continuando sua jornada, em um dia, quando catava coco, ela foi mordida por uma cobra e ficou cega por um mês. Sofrimento por cima de sofrimento, uma mulher ajudou com comissões durante este mês, até ela melhorar e voltar a enxergar novamente. Ela melhorou e voltou aos seus afazeres e, não demorou, foi picada novamente por outra cobra, não cegou, mas ficou adoentada durante duas semanas. Quando melhorou, voltou a quebrar seus cocos para se sustentar.

Passou vários anos e, em 2014, conheceu outro homem, não morou com ele, mas teve um filho que se chama João Lucas. Depois de nenhum dos pais terem assumido os filhos, ela disse não querer se relacionar mais com nenhum homem por causa de muito sofrimento. Portanto, cria seus quatro filhos somente com a força de Deus, pois o bolsa família do governo não dá para o sustento, assim, vendemos os subprodutos do coco babaçu.

Muitos anos se passaram de tanto sofrimento, mas minha mãe nunca tirou seus filhos dos estudos e eu e meu irmão começamos a crescer e a ajudá-la a trabalhar na roça para plantar. Assim, os trabalhos todos são realizados por nós, porque não temos condições de pagar diárias, por isso, nós mesmo capinamos, fazemos a cerca e plantamos e, alguns serviços não dá para fazermos, trocamos diárias com pessoas que saibam fazer.

Minha mãe, com o passar do tempo, fez outra casa, pois a que morávamos estava prestes a cair. Mandou fazer uma casa de adobo coberta de telha com o salário maternidade do seu filho mais novo. Com o passar do tempo, a terra mudou de dono e, após ela fazer a casa, o dono atual falou para ela se retirar da terra e ela falou que não ia sair, e continuou trabalhando de forma honesta para criar seus filhos, ensinando-os a viver no mundo, sempre colocando-os para estudar, e chega até a



Família quebrando coco

falar que pode morrer de quebrar coco, mas, enquanto for viva, não nos deixará sentir fome, pois diz que continuará a quebrar seus cocos.

Teve duas conquistas, diz a minha mãe, que foi ter dois filhos que terminou o ensino médio e conseguiram passar para estudar na Universidade Federal do Piauí. E fala que vai trabalhar para seus outros filhos não desistirem dos estudos e que, um dia, terá o privilégio de ver seus filhos formados e todos com emprego decente para se sustentarem e não ter o mesmo sofrimento que ela passou. Mas diz que vive melhor do que antes.

HISTÓRIA DA COMUNIDADE BOM PRINCÍPIO

Daniele Paiva dos Santos

Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

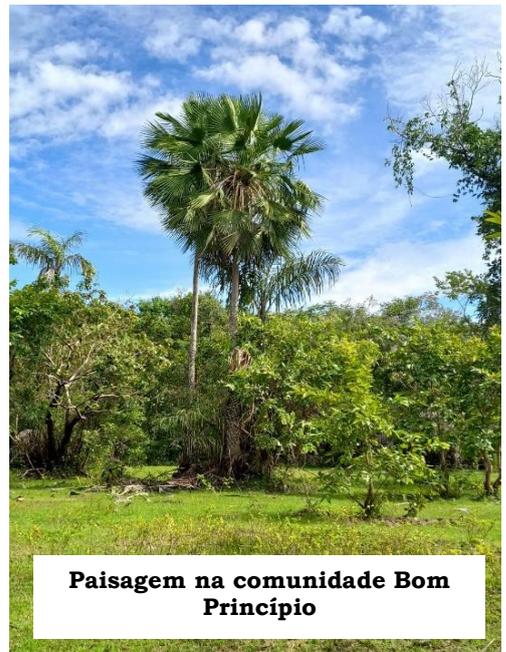
"Um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado". Esse pensamento, de Viotti Costa, permeou minha busca por compreender a história de minha comunidade, que se chama Bom Princípio, e fica localizada no município de Brejo, no estado do Maranhão, distando 24km da sede do município.

É uma comunidade quilombola, rica em cultura e em beleza, composta, atualmente, por cerca de 51 habitantes. Fica entre dois grandes estados da região nordeste que estão unidos pelo importante Rio Parnaíba: Piauí e Maranhão. Localiza-se a apenas 4km da cidade de Porto, no Piauí.

Na comunidade, são realizadas noites culturais e o tambor de crioula é sempre tocado para relembrar a cultura dos nossos antepassados.

O nome da comunidade foi dado pela primeira proprietária das terras onde hoje é nosso território, Linoca Castelo Branco, que colocou o nome de sua fazenda Bom princípio e, assim, transformou-se no nome da comunidade. Linoca, ainda em vida, fez um inventário, deixando sua propriedade como herança para sua filha de criação, Francisca, que veio a se casar com Antônio Vasconcelos, que se tornou o administrador das terras e de todos os meios de produção que nela havia.

O primeiro morador foi o senhor Donízio Ferreira, juntamente com sua esposa e seus filhos. Logo após sua chegada à fazenda, veio um homem do Ceará, o senhor José Abelha, com o intuito de trabalhar para os patrões, como arrendatário dos carnaubais. Alguns anos depois, S. José Abelha casou-se, formou sua família, que se tornou a segunda a residir na fazenda. Os patrões só permitiam aos moradores tirarem suas lavouras sob medida, de modo que os patrões tivessem o controle da produção. Geralmente, os moradores só podiam cultivar cerca de duas a três linhas de roça. A cada linha tirada, era realizado o pagamento de 150 litros de produtos que estava avaliado em três paneiros de alimentos, sendo, cada um, 50 litros. Para morar nessas terras, era obrigação



Paisagem na comunidade Bom Princípio



Festival cultural na comunidade Bom Princípio

pagar este valor de alimentos todos os anos para o patrão. Caso contrário, as pessoas seriam expulsas. E todos os anos os moradores teriam que trabalhar um dia de graça para o patrão. Ressaltando que os moradores só poderiam construir suas casas com palhas, e se, por acaso, construísem com barro, seriam mandados embora. Essas pessoas se encontravam em uma situação de trabalho escravo, pois só era permitido



Escola da comunidade Bom Princípio

trabalhar, não poderiam opinar em nada, apenas obedecer. Assim, os moradores eram sempre conduzidos pela vontade de seus patrões.

Sobre a escolarização, há cerca de quatro décadas, os moradores eram proibidos, também, de estudar, pois os patrões não autorizavam a construção de escolas. As crianças e jovens que tentavam a todo custo estudar, seus pais ouviam dos patrões que era uma atividade desnecessária, assim, os próprios pais começaram a falar para seus

filhos que estudar não era importante, que eles teriam que focar apenas em trabalhar e em nada mais.

Mas em uma comunidade próxima havia uma senhora alfabetizando jovens e adultos, então, os jovens da comunidade vendo isso, começaram a se deslocar por alguns quilômetros, caminhando, para estudar. Foi assim que todos aqueles com uma faixa etária de 18 a 20 anos de idade foram alfabetizados. Alguns anos depois, esses mesmos jovens já haviam formado família, e começaram a ver a necessidade de uma escola na própria comunidade, pois já se contava com professoras na comunidade, mas que não ensinavam por falta de escola.

Então, foi fundada a primeira escola pelos moradores da comunidade, que construíram um espaço feito de palha, sendo colocado o nome de Unidade Escolar São Marcos. Há cerca de alguns anos, com muita insistência por parte dos moradores, foi construída uma nova escola com melhor infraestrutura. Nesta escola, são oferecidos a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Retomando às condições de vida dos moradores como arrendatários de patrões severos, um fato fundamental a ser destacado é que os proprietários da fazenda começaram a matar os animais das famílias, o que as irritou profundamente, fazendo com que procurassem seus direitos junto ao sindicato dos trabalhadores rurais na cidade de Brejo-MA. Então, foram orientados a formarem uma associação dos moradores e, por meio desse esforço coletivo, conseguiram lutar contra a opressão de seus patrões e, anos depois, compraram as terras que vivem atualmente.

Nos dias atuais, os moradores da comunidade vivem uma vida que muitos de



Escola da comunidade Bom Princípio

seus antepassados não tiveram, nem sequer tiveram a oportunidade de sonhar, pois viviam em situação de trabalho escravo. Terminei minha fala dizendo que tenho um orgulho profundo de fazer parte dessa comunidade e, principalmente, dessa cultura linda que é a quilombola, ser descendente de um povo guerreiro, lutador, que não tem medo de lutar por seus direitos.

**HISTÓRIA DA ESCOLA DA COMUNIDADE COSTA,
EM CAMPO LARGO DO PIAUÍ**

Luís Henrique Pereira da Silva

Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

O território da comunidade Costa começou a ser povoado por volta do ano de 1945 pela família do senhor Manoel Costa. Os primeiros moradores viviam da agropecuária e do extrativismo vegetal e, com o tempo, começaram a comprar coco babaçu e a vender alimentos. Nos anos seguintes, vieram outras famílias, sendo, a maioria, do estado do Ceará, fugidas da fome, o que contribuiu para a ascensão da população.



Vista do pátio da U.E. Helvídio Nunes

Após a morte do filho do senhor Manoel Costa, as terras foram vendidas para o cearense Abrão Gomes. O senhor Abrão Gomes começou a trabalhar nas terras com a atividade de agropecuária, tornando-se um dos maiores fazendeiros da região norte do estado do Piauí. O povoado Costa, que era considerado apenas uma propriedade rural, com o aumento da população e da participação na economia local, foi elevado ao status de comunidade.

A educação formal na comunidade Costa nem sempre teve como local de realização a unidade escolar presente atualmente, mas sim, as próprias residências dos professores, que começaram a trabalhar com as crianças da comunidade em 1960, período em que a taxa de analfabetismo era muito grande e originou a necessidade de domínio da escrita do próprio nome e uso de operações básicas da matemática. A partir dessa necessidade, iniciou-se o trabalho nas residências. No entanto, esse ofício não se estendia a séries superiores à antiga 3ª série do ensino fundamental, devido à baixa escolaridade dos próprios docentes, a falta de espaço adequado, o que gerava a multisseriação e a falta de apoio do poder público da época.

A educação só possuía continuidade para alguns sujeitos que tinham condições financeiras de se deslocarem para a então sede municipal de Porto, onde poucos permaneciam estudando devido à necessidade de trabalhar na roça.

A comunidade passou a possuir um prédio fixo para o funcionamento da escola a partir do

ano de 1965, na administração do então prefeito Adail Gonçalves Bastos, do município de Porto-Piauí, onde se ofertava apenas os anos iniciais do ensino fundamental. Em 1994, veio a emancipação política do município Campo Largo do Piauí pela Lei Estadual nº 4680, de 26-01-1994, desmembrado de Porto. Foi quando a escola da comunidade, chamada de Unidade



Equipamento de transmissão de aulas pelo Canal Educação

Escolar Helvídio Nunes, em homenagem ao ex-governador do Piauí, passou a oferecer todas as séries do Ensino Fundamental e passaram a ser disponibilizadas turmas de Educação Infantil.

Na comunidade, foi construída uma creche que atende aos alunos da Educação Infantil e do ciclo que alfabetização (1º ao 3º ano do Ensino Fundamental), por isso, atualmente, a Unidade Escolar Helvídio Nunes, oferta do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental e também funciona como anexo da Unidade Escolar São José para oferecer o Ensino médio no turno noturno. No Ensino Médio, a escola oferece para os alunos aulas em forma de mediação tecnológica, através do Canal Educação disponível pela (SEDUC) para escolas que não possui professor na área de Química e Física.

O Canal Educação, um Programa de Mediação Tecnológica do Piauí, tem como objetivo levar educação às mais longínquas comunidades, aliando ensino e tecnologia.

A Unidade Escolar Helvídio Nunes apresenta uma estrutura que ainda não alcançou o básico para um funcionamento adequado, visto que, para ser um espaço de real aprendizagem, deve dispor de vários elementos ao alcance do corpo discente e docente, algo que inexiste na escola. Conforme Bönmann (2015), a quantidade majoritária de escolas camponesas é desprovida de recursos que colaboram para o processo de ensino e apreensão de conhecimento, tais como: bibliotecas, laboratórios, acesso à internet e, em muitos casos, energia elétrica.

O quadro situacional da instituição de ensino em questão é congênere à realidade de outras escolas do campo, pois possui uma estrutura padrão com o mínimo a oferecer para os estudantes. Conforme averiguação realizada em pesquisa proposta pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo, a fachada da unidade escolar possui 25 metros de comprimento, enquanto sua lateral possui 18,5 metros, totalizando um perímetro de 87 metros e uma área de 462,5 metros quadrados. A escola funciona nos horários da manhã e tarde, com nove turmas, tendo matrícula total de 210 alunos e 17 servidores gerais, um diretor e dez professores. Além disso, funciona no turno da noite com três turmas do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos), tendo 84 alunos matriculados.

A estrutura interna da escola é composta por cinco salas de aula, com 48 metros quadrados cada; uma pequena área de recreação ocupada pelos alunos durante o recreio; dois banheiros, sendo um masculino e outro feminino; um depósito onde estão guardados livros que futuramente irão compor o acervo da biblioteca; uma cantina; e uma diretoria.

Referência

BÖNMANN, P. A. *Realidades das escolas do campo: um olhar crítico sobre espaços físicos, descasos, construção de políticas públicas e proposta pedagógica*. 2015, monografia de graduação – UNIJUI, Ijuí, 2015. Disponível em: [http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3624/Patricia%20B onmann%20TCC.pdf?sequence=1](http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3624/Patricia%20B%20onmann%20TCC.pdf?sequence=1). Acesso em: 30 ago. 2019.

O CAMPO PULSA... VIDA

Keylla Rejane Almeida Melo

Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo/CCE/UFPI

Nos dias em que estive junto aos alunos do bloco I, ingressantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo do período letivo 2021.1, trabalhamos a disciplina “História, Identidade e

Memória dos Povos do Campo”, discutindo diversos aspectos que singularizam a vida no meio rural brasileiro e demos especial destaque à luta incessante de camponeses pela terra para nela viver e trabalhar produzindo o sustento da família.

Nos diversos momentos de reflexão coletiva, foi possível articular os conhecimentos estudados nos textos escritos por renomados/as autores/as com a nossa história pessoal e comunitária. Isso nos faz constatar que a história que está nos livros é construída por todos e todas nós, em nossos lugares de vida, por isso, somos, cada um/uma, sujeito histórico.

As narrativas de vida produzidas pelos estudantes deixam isso muito claro: cada sujeito contribui para a dinâmica social e sua vida está relacionada intrinsecamente com outras vidas e com diversos contextos. É possível, portanto, compreender o campo a partir dos relatos escritos pelos estudantes.

As histórias dão conta de um campo que está vivo, que historicamente foi se (re)construindo a partir da luta, da labuta mas também da resistência. Um campo que se transforma, mas que preserva muitas das características que lhe são caras. Um exemplo disso é a quantidade de jovens formados em agropecuária, agroindústria, ávidos/as por manter a forma de produção agrícola e pastoril, contudo, dar-lhe uma nova perspectiva que possibilite o desenvolvimento do meio, como nos ensinam as Escolas Famílias Agrícolas (EFA), que têm sido espaços fundamentais de fortalecimento do campo enquanto território de vida. Essa importância das EFAs pode ser facilmente compreendida ao lermos o texto da Ana Tamires. Dá gosto ver o orgulho que ela consegue transmitir de ter obtido nota máxima em seu Projeto Profissional do Jovem – PPJ.

Essa relação direta e profunda do/a camponês/esa com a terra é um aspecto que aparece reiteradamente nas histórias de vida dos estudantes. Ler o texto da Ana Cristina acendeu-me um ardente desejo de conhecer as hortas e a produção de frutíferas dela e de sua família. Esses relatos enchem-nos de esperança em relação à sobrevivência da agricultura camponesa, aquela que tem como principal objetivo a subsistência da família e cujo excedente destina-se ao mercado; que emprega, predominantemente, mão de obra familiar, mas que também conta com as trocas de trabalho entre vizinhos; que se utiliza de conhecimentos tradicionais, de sementes crioulas, de observações da natureza; que produz culturas consorciadas em áreas de pequenas extensões, entre outros aspectos.

Nesse sentido, marcou-me a narrativa de Lindemberg, quando explicitou que aprendeu com a avó o poder medicinal de alguns tipos de plantas e o respeito pela natureza. Nossos antepassados têm muito a nos ensinar, basta que abramos os olhos, a mente e o espírito para ouvi-los, mesmo que não estejam mais entre nós. Como ouvirmos, então? Rememorando o passado e reconstruindo suas trajetórias que comportam uma infinidade de saberes relativos a modos de viver, de se relacionar, de produzir.

Nas narrativas, muitos/as estudantes mostraram a resistência dos seus ascendentes, que sofreram a negação do acesso à terra, a exploração do trabalho, a exclusão perante as políticas



Desenho produzido pela estudante Sabrina Santos durante a disciplina, representando a contraposição entre agrogêncio e agricultura camponesa.

públicas, mas lutaram pela superação dessa situação. Auriane narra a história da avó, que morava em terras alheias pagando renda para os proprietários, porém, essas terras foram desapropriadas e distribuídas para as famílias residentes, libertando-as. Também dá destaque a essa resistência camponesa o relato de Daniele, cujos moradores agregados de uma fazenda travaram diversos embates com os proprietários, mas conseguiram comprar as terras e tornarem-se donos do seu lugar de vida e de trabalho, e hoje, tem-se uma comunidade fortalecida.



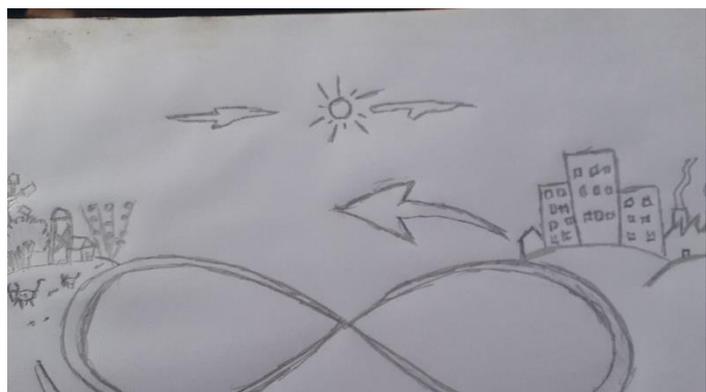
Desenho produzido pelo estudante Cleidilson Oliveira durante a disciplina, representando a indagação: Modernização do campo para quem?

Outras formas de modificação na propriedade da terra aparecem nos relatos e são surpreendentes, como as terras da família de Luara, doadas pela fazendeira ao seu bisavô como forma de agradecimento pelo trabalho e dedicação. Da mesma forma, na comunidade de Fabrício, a donatária doou as terras para famílias que não tinham onde morar e trabalhar, e daí, surge a comunidade.

A persistência dos camponeses no vínculo com a terra pode ser visibilizada também na narrativa de Vinícius. Os avós saíram do campo para a cidade, em busca de melhores condições de vida, inclusive para que os filhos tivessem acesso à educação. Infelizmente, a ausência de

políticas públicas no campo não deixa outra alternativa para muitos, a não ser migrar. Porém, muitos teimam em ficar mesmo fixando moradia na cidade, como o avô de Vinícius, que continuou dedicando-se aos cuidados com a lavoura e a criação de animais. Estar na cidade, portanto, não significa a perda da identidade camponesa, pois esta está relacionada a essa ligação intrínseca com a terra.

Podemos, ainda, ressaltar o movimento contrário ao êxodo para as cidades. A família de Luís Fernando é um exemplo disso, à medida que saiu da cidade grande retornando para o seu local de origem e a família de Fabrício, que se mudou para o campo em busca de uma vida mais saudável. Isso comprova que o campo continua sendo um lugar viável para se viver, embora seja necessária a ampliação das mobilizações que reivindiquem a melhoria das condições de vida nesse território.



Desenho produzido pelo estudante Cleidilson Oliveira durante a disciplina, representando a relação dialética entre campo e cidade.

E os movimentos sociais de camponeses/as têm garantido grandes avanços nesse sentido, embora ainda haja muito a se buscar. Infelizmente, como observa Gabriel, essas lutas têm sido

historicamente silenciadas pela mídia e, até mesmo, pelas universidades, ficando invisibilizadas socialmente, mas é importante enfatizar que esta é uma situação que vem se modificando. E uma das motivações para isso é a organização social em redes, muitas vezes, mundiais e a formação das bases. Nesse quesito, ressaltamos um aspecto evidenciado por Francisco Wendell: o foco no conhecimento, por isso é importante a nossa luta pela ampliação do acesso à escolarização no meio rural em todos os níveis e modalidades de ensino.

Há, portanto, muita vida pulsando no campo, com destaque para a autonomia das crianças camponesas que ainda têm espaço amplo para desenvolver-se de forma mais livre. Fabiano, em seu texto, relembra a sua infância, com a possibilidade de brincar na chuva, correr, jogar bola, dentre outras brincadeiras. Os festejos católicos, as festas juninas, o tambor de crioula, os grupos de jovens, são aspectos que marcam a cultura no campo de forma alegre, coletiva e fraterna, como podemos verificar no relato de Cleidilson, que se diz apaixonado pelo trabalho e pela vida no campo.

E eu finalizo esta síntese focalizando a força da mulher camponesa representada, em meio às narrativas, pela mãe guerreira de Antonia e Rosivaldo. Essa quebradeira de coco, dona da sua vida, destemida, mas bondosa, amorosa com seus filhos, que enfrenta muitos desafios, porém se reergue com mais firmeza a cada dificuldade. Em nome dela, eu reverencio todas as mulheres e homens do campo, que constroem cotidianamente as suas vidas em meio aos problemas que poderiam ser sanados com o apoio do poder público, mas sempre resistem, seja com suor, seja com o próprio sangue. Por isso, o campo continua pulsando vida...



Informativo da Educação do Campo

INFORCAMPO



Educação do Campo